

SILVIA MARIA DA SILVA

**A PRÁTICA DO PERDÃO NO EVANGELHO DE LUCAS  
À LUZ DA PECADORA PERDOADA E QUE AMA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Meurer

Florianópolis  
2023



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Silva, Silvia Maria da

A práxis do perdão no Evangelho de Lucas à luz da pecadora perdoada que ama / Silvia Maria da Silva;

Orientador: Gilson Meurer; Florianópolis, SC, 2023.

87 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Perdão 2. Amor 3. Pecado 4. Misericórdia. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)  
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)  
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil -  
CNPJ nº 82 898 891/0005-33

Sílvia Maria da Silva

**A práxis do perdão no evangelho de Lucas à luz da pecadora perdoada e que ama**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 10 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Gilson Meurer  
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Armando Acquaroli  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Celso Loraschi  
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

A todos aqueles que dão e  
recebem o valioso tesouro do  
perdão.



## AGRADECIMENTOS

Ao Deus Trindade e Maria Santíssima, por todas as graças recebidas e pelo dom do amor e do perdão;

Aos meus pais, Romão e Olívia (*In memorium*), pela vida que me deram, pelos ensinamentos e pela fé cristã católica;

Ao meu único filho Davi Augusto, pela paciência em relação ao tempo em que fiquei ausente no período de estudos e, pelas orações e apoio;

À minha comunidade de oração, Nossa Senhora Aparecida e São Cristóvão, à Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus que a coordena e aos irmãos(ãs) que me ajudam a viver a fé em Jesus Cristo;

Ao professor Doutor padre Gilson Meurer, pela orientação e esclarecimentos na condução desse trabalho;

À professora doutora Maria Teresinha de Resenes Marcon, por todo o auxílio nas correções e observações na construção do presente trabalho;

À Adriana Thomaz, por todo o auxílio nos anos da graduação e naqueles pertinente à elaboração do TCC;

A todos os professores, padres, funcionários e alunos da FACASC, por me proporcionarem as condições para a graduação em Teologia;

Aos meus colegas de turma do curso de teologia, por todos os momentos em que estivemos juntos, pela compreensão daqueles que deixei a desejar e, pelo compartilhamento do conhecimento e do amor;

À professora doutora Elisete Ferreira, minha amiga e irmã de coração, pela inspiração do tema desse trabalho e por todos os momentos compartilhados;

Às flores, sinônimo do belo, por tudo que proporcionam, sobretudo por serem uma janela para a imagem e o amor de Deus.





Na compaixão, tu vês o outro como a ti mesmo, ...  
No perdão o outro se vê como nunca vira a si  
próprio.

(Maria Carpi)



## RESUMO

O trabalho, aqui proposto, tem como tema o perdão, a partir do Evangelho de Lucas, com foco na perícopre: A pecadora perdoada e que ama. Teve como objetivo compreender o processo de perdoar, à luz da citada perícopre. A metodologia utilizada foi construída a partir da pesquisa bibliográfica que permitiu a estruturação em três capítulos: O primeiro, trata da remissão dos pecados e a obtenção do poder no Antigo Testamento. O segundo capítulo, trabalha a questão do perdão, na perspectiva do Novo Testamento. No terceiro, é dado um enfoque maior em relação à perícopre analisada e a relação da prática do perdão na atualidade. Contou também com o auxílio da catequese de Francisco relativa ao Ano da Misericórdia. A pesquisa permitiu perceber que o perdão passou por vários processos no decorrer da história e deve ser analisado no contexto teológico e social. Também pode ser um recurso para melhor compreensão de como chegara um encontro com o Deus encarnado, Jesus Cristo, no auxílio em situações de conflitos, e na recuperação da paz e dos laços de amizade.

**Palavras-chave:** perdão; amor; pecado; misericórdia; salvação.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Cor – Primeira carta de São Paulo aos Coríntios
- 1Jo – Primeira Carta de São João
- 1Ts – Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonisenses
- 2Cor – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
- 2Rs – Segundo Livro dos Reis
- 2Sm – Segundo Livro de Samuel
- At – Livro dos Atos dos Apóstolos
- BJ – Bíblia de Jerusalém
- CIgC – Catecismo da Igreja Católica
- Cl – Carta de São Paulo aos Colossenses
- Dt – Livro do Deuteronômio
- Eclo – Livro do Eclesiástico
- Ef – Carta de São Paulo aos Efésios
- Ez – Livro do Profeta Ezequiel
- Gn – Livro do Gênesis
- Is – Livro do Profeta Isaías
- Jo – Evangelho de São João
- Jr – Livro do Profeta Jeremias
- Jz – Livro dos Juízes
- Lc – Evangelho de São Lucas
- Lv – Livro do Levítico
- Mq – Livro do Profeta Miquéias
- Mt – Evangelho Segundo Mateus
- Sl – Livro dos Salmos
- Tt – Carta de São Paulo a Tito



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1 O PERDÃO NO ANTIGO TESTAMENTO.....</b>	<b>20</b>
1.1 O PERDÃO NA LITERATURA LEGISLATIVA .....	21
<b>1.1.1 Os sacrifícios expiatórios no livro do Levítico .....</b>	<b>21</b>
1.1.1.1 Os diversos significados do sacrifício .....	24
<b>1.1.2 O Dia das Expições ou Dia do Perdão .....</b>	<b>25</b>
<b>1.1.3 A lei de Talião .....</b>	<b>30</b>
<b>1.1.4 O livro do Deuteronômio e o ano sabático .....</b>	<b>31</b>
<b>1.1.5 O Exílio da Babilônia e o perdão dos pecados.....</b>	<b>33</b>
1.2 O PERDÃO NA LITERATURA SAPIENCIAL .....	36
<b>1.2.1 Os salmos .....</b>	<b>36</b>
<b>2 O NOVO TESTAMENTO E O PERDÃO DOS PECADOS .....</b>	<b>40</b>
2.1 O CONTEXTO DA PERÍCOPE (Lc 7,36-50).....	40
<b>2.1.1 O Evangelho de São Lucas .....</b>	<b>41</b>
<b>2.1.2 Análise da Perícopa de Lc 7,36-50 .....</b>	<b>44</b>
2.1.2.1 O perdão no AT e o perdão na perícopa da pecadora perdoada...50	
<b>2.1.3 O contexto político e sociocultural.....</b>	<b>52</b>
<b>2.1.4 A situação das mulheres .....</b>	<b>55</b>
<b>2.1.5 A Comensalidade .....</b>	<b>58</b>
<b>3. O PERDÃO NA VIVÊNCIA CRISTÃ ATUAL .....</b>	<b>61</b>
3.1 PERDÃO EM PERSPECTIVA TEOLÓGICA: GRAÇA E DOM...64	
<b>3.1.1 Significado teológico do perdão .....</b>	<b>62</b>
<b>3.1.2 Encontro com Deus e perdão como entrega.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1.3 A oração do Pai-nosso e o perdão dos pecados.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1.4 Perdão como milagre e mistério .....</b>	<b>69</b>
3.2 A PRÁXIS DO PERDÃO NO CONTEXTO DOS NOSSOS DIAS.69	
<b>3.2.1 Perdão em visão antropológica (secular) .....</b>	<b>69</b>
<b>3.2.2 Perdão: sentimento versus decisão.....</b>	<b>70</b>
<b>3.2.3 Saúde e Perdão .....</b>	<b>71</b>
3.3 A MISERICÓRDIA NA VISÃO DO PAPA FRANCISCO.....73	
<b>3.3.1 O Ano jubilar da misericórdia – <i>Misericordiae</i></b>	
<b><i>Vultus</i> 77</b>	
3.3.1.1 O tema da misericórdia e o Papa Francisco.....75	
<b>3.3.2 A perícopa da Pecadora Lc 7,36-50 e a misericórdia .....</b>	<b>76</b>
<b>3.3.3 Maria, sinal da misericórdia de Deus Trindade.....</b>	<b>77</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS. ....</b>	<b>85</b>





## INTRODUÇÃO

Os relacionamentos humanos vêm sendo um tema analisado por várias ciências, pelo fato do homem ser um ser complexo e envolver muitas variáveis quanto ao seu comportamento, as suas reações frente aos acontecimentos que estão ligados a diversos fatores. Fatores estes que interferem até no ato de perdoar, tema do trabalho em questão.

O trabalho, aqui proposto, tem como tema o perdão – o nosso fio condutor – com a finalidade de ressaltar sua importância e compreender essa atitude na vida do cristão. O *corpus* adotado será o Evangelho de Lucas, mais exatamente no contexto da perícopes de Lucas 7,36-50. A pecadora perdoada e que ama, em seu enfoque sobre o amor e sua relação direta com o perdão. Nessa parábola sobre a misericórdia é que vamos encontrar os elementos que constituem o caminho para o perdão, em todas as suas esferas.

Como entender a coragem e a fé de uma mulher que enfrenta os olhares de julgamento para se aproximar de Jesus? Como e por que aceitar e/ou conceder o perdão? Qual a relação do perdão e da misericórdia?

Para poder responder às questões formuladas, este trabalho procurou através de seu objetivo geral compreender o processo de perdoar, à luz da perícopes da pecadora perdoada e que ama, tratada no Evangelho de Lucas; sustentado nos seguintes objetivos específicos: Elucidar como acontecia o perdão no AT, principalmente, segundo a literatura sapiencial e legislativa; Explicitar a espiritualidade do ato de perdoar e sua temática no Evangelho de Lucas, sua ligação íntima com a parábola da pecadora perdoada e que ama, os diversos elementos envolvidos, assim como sua prática; Enfatizar a importância da temática do perdão na vivência cristã nos dias atuais e a temática da misericórdia, acentuada pelo Papa Francisco.

A relevância desta pesquisa para a área teológica diz respeito ao modo como o indivíduo ou comunidade pode lidar com as ofensas emitidas ou recebidas, com as dívidas geradas nos seus relacionamentos.

A narração que encontramos no Evangelho de Lucas, nos leva a uma maior compreensão do amor de Deus para com o pecador. Não são apenas palavras, mas constituem o próprio jeito de agir e amar do Pai, em Jesus. Amor esse, que se encontra alicerçado no perdão dado e recebido pelos personagens da história e que nos levam a enxergar melhor a nossa própria vida e vão nos ajudar em nossas decisões.

Os procedimentos metodológicos foram construídos a partir da pesquisa bibliográfica (livros e artigos científicos e eclesiásticos) que permitiram estruturar o presente trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, descrevemos, com base na literatura legislativa e sapiencial do AT sobre os comportamentos baseados em leis e normas, para a remissão e perdão dos pecados. O tema do perdão foi tratado no segundo capítulo na perspectiva do NT, com a presença de Jesus Cristo, sob a ótica do evangelista Lucas e fundamentado na perícopes da pecadora perdoada e que ama. Neste capítulo foram desvendadas as diversas situações que ocorrem a relação entre os três personagens principais: a mulher, o fariseu e Jesus, e a relação com o perdão dos pecados. No terceiro capítulo uma ênfase maior foi dada em relação à perícopes analisada e a relação da prática do perdão, na atualidade, permitindo compreender mais facilmente o processo do perdão, suas implicações relacionadas ao processo de pensar e decidir, que contou também com o auxílio da catequese de Francisco, trabalhada no Ano da Misericórdia – com os sinais que caracterizaram esse ano jubilar e sua ligação com a atitude de perdoar e sua importância na vida do cristão. O trabalho é concluído com uma nota mariana: Maria como Mãe do Misericordioso protetora dos oprimidos.

Assim, embora não tenhamos conseguido abordar toda a temática, que poderá ser aprofundada em outras pesquisas, procuramos contribuir para a resolução dos conflitos ligados aos relacionamentos humanos: sobretudo as relações marcadas por mágoas e feridas, com base nos componentes do perdão: sua ligação com a fé, a gratidão e o amor.



## 1 O PERDÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Desde a antiguidade até nossos dias sempre houve contendas entre os indivíduos. A convivência, seja na casa paterna, de amigos, seja no casamento ou em outras instituições propiciou muitos desentendimentos entre as pessoas. Com o tempo vão se conhecendo e, nesse conhecer, perante as situações diárias acontecem os conflitos de opiniões, os atritos, as rixas e feridas são abertas. Algo que se fez ou aconteceu não é aceito por um dos membros do grupo, da família ou da organização.

Para essas situações a pessoa foi levada à decisão acerca do que fazer sobre o restabelecimento ou não dos laços antigos. Num âmbito maior, vários povos entraram em guerra no intuito de que a justiça fosse feita. Batalhas foram empreendidas, sempre com o objetivo de ter o seu prejuízo diminuído e/ou a paz restabelecida.

Para se chegar a um consenso há o perdão, que vai ao encontro do desejo de levar paz aos envolvidos, de ser uma solução e uma tentativa de restituir os laços quebrados, muito embora a decisão de perdoar varie de uma pessoa à outra e, conforme a situação em que ocorreu o fato.

Há muitas questões ligadas ao perdão que fazem parte de diversas culturas e tradições religiosas. O perdão tem assim muitas facetas e uma delas está ligada à salvação e à saúde. A pessoa que sofreu uma injustiça, muitas vezes acha que a agressão física, ou por outro meio, a libertaria desse peso, desse prejuízo, desse tormento dentro de si. O perdão tem o objetivo de aliviar esse fardo.

No Antigo Testamento<sup>1</sup> (AT) há vários livros, como os *Salmos*, com diversas orações que estabelecem o perdão como um elemento importante. Ao perdão está ligado também o conceito de pecado, culpa, mal e bem. Isso advém da necessidade de se relacionar e resulta de certos comportamentos dos indivíduos ou mesmo de comunidades.

Paralelo a isso, os povos de diversas culturas do AT, tinham os seus meios de alcançarem a paz interior e se aproximarem do sagrado. Eles recorriam ao perdão com o desejo de purificação. Essa busca por uma pureza ritual não tem necessariamente um sentido moral, isto é, não estava mais explicitamente implicado o desejo de parecerem melhores diante dos outros. Segundo Chauvet, “[...] fundamentalmente é para nos

---

<sup>1</sup> Neste trabalho usaremos como referência aos artigos bíblicos, a **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

aproximarmos do sagrado que precisamos ser purificados”.<sup>2</sup> Assim, eles precisavam se livrar de suas manchas e pecados para que Deus olhasse para eles. Essa tentativa de purificação tinha várias implicações, conforme a época e os povos. No AT o indivíduo ficava *impuro* por diversas razões: muitas delas naturais, como o toque num cadáver, num leproso, a menstruação etc. Para tanto, o *lavar-se* era extremamente necessário para a reintegração à sua comunidade, conforme o costume da época.<sup>3</sup>

É importante salientar que o rito de purificação abre as portas ao sagrado, e liberta do medo gerado pelo pecado cometido, de ser destruído ou aniquilado por Deus. A purificação também está ligada à unidade de um grupo social. Quando peca, o indivíduo desestrutura, de certa forma, a comunidade onde está inserido, e com o perdão, ele é novamente religado a ela.<sup>4</sup>

Segundo a visão judaica, só poderá haver perdão se houver *arrepentimento*. Os judeus dedicam um dia do ano para a sua celebração, o *Yom Kippur*<sup>5</sup> como veremos adiante de maneira mais detalhada.

## 1.1 O PERDÃO NA LITERATURA LEGISLATIVA

### 1.1.1 Os sacrifícios expiatórios no livro do Levítico

Sacrifícios de todo o tipo, especialmente os *expiatórios*, tem um cunho espiritual. Através deles, o indivíduo ou grupo pode visualizar e sentir mais vivamente a oração e o elo com a divindade, além do fato dos mesmos terem vários objetivos, sendo um desses o pedido de perdão dos pecados.

Os ritos sacrificiais vistos de um modo mais organizado são verificados no livro do *Levítico*, nos sete primeiros capítulos, quando o Senhor orientou a Moisés o modo como o povo de Israel deveria proceder ao apresentar suas oferendas a Ele. Sua origem, a respeito dos termos utilizados, remonta à pré-história de Israel. Nesse processo, muitas

---

<sup>2</sup> CHAUVET, Luis-Marie et al. (direção). **O Sacramento do perdão**: entre ontem e amanhã. Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 60.

<sup>3</sup> CHAUVET, 1997, p. 60.

<sup>4</sup> CHAUVET, 1997, p. 61.

<sup>5</sup> WONDRACEK, Karen Hellen Kepler et al (Orgs). **Perdão, onde saúde e espiritualidade se encontram**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016. p. 37.

palavras foram *emprestadas* dos cananeus, conforme afirma De Vaux:

“Não se deve afirmar sem prova que o sentido dos primeiros foi conservado sem mudança e que o sentido dos segundos foi em Israel o mesmo que entre seus vizinhos”.<sup>6</sup>

A religião de Israel ressignificou as formas de culto que recebeu desses povos como herança. Assim, aprimoraram os ritos primitivos conforme as suas crenças e entendimentos.

Os sacrifícios, que veremos a seguir, obedeciam a uma série de regras quanto ao lugar da imolação, destino do sangue, da carne e outras partes do animal. Assim, após o rito de expiação os pecados de cada indivíduo ou grupo eram perdoados.<sup>7</sup> Os ofertantes de todos os sacrifícios eram orientados sobre o fato de a eficácia dos rituais estar ligada aos sentimentos verdadeiros de quem os oferecia. Conforme De Vaux:

O sacrifício é um ato complexo e deve-se evitar uma explicação simples. [...] não é só um dom [...]. Nem só um meio de união, nem só um meio de expiação, ele é motivado simultaneamente por muitas causas e responde a muitos imperativos da consciência religiosa.<sup>8</sup>

As pessoas designadas para administrar esses sacrifícios eram os sacerdotes e o sumo sacerdote, que deviam ser puríssimos. Caso não estivessem puros, eles se beneficiavam dos sacrifícios oferecidos a si próprios. Isto é, eles também participavam como beneficiários desses ritos. Entretanto, em todos os sacrifícios, eram eles os únicos capazes de aplacar a ira divina. Por meio do seu corpo devidamente purificado e revestido de santidade agiam em nome do sagrado. Deus era *personificado* na figura do sacerdote: seus olhos viam por Deus, sua boca degustava o alimento em nome de Deus.<sup>9</sup> O nariz do sacerdote sentia o odor da oferenda em nome de Deus. Também o altar era por ele consagrado e se tornava um lugar santo. Somente o sumo sacerdote podia entrar no *Santo dos Santos*, como se chamava a sala mais interna do santuário, uma vez por ano, no Dia das Expiações, como veremos mais adiante.

---

<sup>6</sup> DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003. p. 489.

<sup>7</sup> Lv 4,1.

<sup>8</sup> DE VAUX, 2003, p. 489.

<sup>9</sup> Lv 7,28-34;10,12-15.

Sobre a variedade desses rituais havia diversos tipos de sacrifícios, a saber: os *holocaustos*, que consistiam em oferecer animais. Os de grande porte eram oferecidos à entrada da Tenda da Reunião, mediante ritos de expiação para serem aceitos pelo Senhor. Quanto aos animais pequenos, eles eram ofertados no lado norte do altar, e no final do ritual eram queimados. Esses animais deveriam ser machos e sem defeito. Quando os ofertantes eram indivíduos mais pobres ou carentes, eles ofereciam uma ave: pombinho ou rola, e eles, por sua vez, eram lançados ao lado oriental do altar.<sup>10</sup> Portanto, a situação econômica precária do indivíduo não o isentava da obrigação quanto aos seus deveres de judeu.

Outro tipo de sacrifício era a *oblação*,<sup>11</sup> um oferecimento de flor de farinha com azeite e incenso, conforme ritos próprios, e queimadas.

Todas elas eram oferecidas sem fermento, e eram de suave odor ao Senhor.<sup>12</sup> O perfume que subia das oferendas representava o desejo de união com a divindade.

Um terceiro tipo de sacrifício é o de *comunhão*. Aqui, os animais oferecidos podiam ser grandes ou pequenos, machos ou fêmeas, porém, sem defeitos. Eram queimados à entrada da Tenda da Reunião. Entre os animais pequenos estavam carneiros e cabras. Todos eram oferecidos ao Senhor com suave odor.<sup>13</sup> Essa oferenda significava que a oferta deveria subir até Deus na forma de uma fragrância agradável.

O quarto sacrifício era aquele realizado pelo perdão dos pecados. Eram de quatro tipos: do sumo sacerdote, da *assembleia* de Israel, de um chefe e de um homem do povo. A oferta era feita se algum sacerdote, membro da sociedade, chefe ou homem do povo pecasse transgredindo alguma das leis de Deus inadvertidamente ou sem intenção. “As vítimas oferecidas eram novilhos machos, bodes, cabras ou ovelhas, todos sem defeito”<sup>14</sup>.

Assim, o perdão dos pecados estava sujeito, como que automaticamente, ao evento da oferenda, ou, as pessoas que faziam as ofertas e, contavam seguramente que ficariam libertas dos atos inapropriadamente cometidos. Portanto, de certo modo, a responsabilidade era transferida para outro indivíduo. Essa é uma característica marcante quanto ao perdão dos pecados no AT.

---

<sup>10</sup> Lv 1,1-17.

<sup>11</sup> Lv 2,1-16.

<sup>12</sup> Lv 2,1-2.

<sup>13</sup> Lv 3,1-5.

<sup>14</sup> DE VAUX, 2003, p. 456.

### 1.1.1.1 Os diversos significados do sacrifício

Existem muitas teorias para explicar o significado do sacrifício, o seu valor religioso, e qual seria a relação do homem com Deus no Antigo Testamento. A análise desses rituais pode nos levar a uma maior compreensão desses comportamentos e a estreita ligação com o perdão dos pecados.

Uma dessas explicações relaciona a necessidade de oferecer um sacrifício com o desejo de *barganha* com a divindade.<sup>15</sup> O homem primitivo acreditava que somente oferecendo alguma coisa aos deuses poderia acalmar a fúria deles. Conforme De Vaux:

É duvidoso que uma explicação tão materialista valha para qualquer povo, por primitivo ou degradado que possa ser e os estudos modernos de etnologia religiosa são contrários a isso. Ela não vale para nenhuma época da religião de Israel e não se pode citar um único texto que a justifique.<sup>16</sup>

A finalidade do sacrifício é certamente obter um benefício material ou espiritual, como, por exemplo, para pagar alguma dívida devida a Deus. Portanto, o sacrifício é uma oferenda feita a Deus.<sup>17</sup>

Outra explicação seria a união com a divindade que o sacrifício proporciona, como já referenciado. O primeiro pressuposto dessa união é o *totemismo*. Os povos antigos acreditavam que entre os membros da tribo e o seu deus havia um parentesco. O animal consagrado cuja vida circula nele é o *totem*. O ritual objetivava reforçar os laços parentais e participar na vida do deus ao comer o animal oferecido. Essa teoria é impactante e dá uma mostra dos meios radicais utilizados nesse contexto que, objetivava a aproximação com a divindade. Conforme De Vaux: “Essa ideia era forte nos rituais dos antigos árabes. Para os israelitas, ela é diminuída. A união está a nível do relacionamento com o deus, em relação a ele, porém mais distante.”<sup>18</sup>

O segundo pressuposto dessa união é que a vítima representa o ofertante. Este, através da imposição das mãos transfere para a vítima seu pecado e todo o seu ser. Ao imolar o animal, o sangue dele é liberado

---

<sup>15</sup> DE VAUX, 2003, p. 485.

<sup>16</sup> DE VAUX, 2003, p. 486.

<sup>17</sup> DE VAUX, 2003, p. 486.

<sup>18</sup> DE VAUX, 2003, p. 486.



juntamente com seu princípio vital. “O sangue é aspergido em diversas partes do altar, como meio de estabelecer um elo entre Deus e seu fiel.”<sup>19</sup>

Outra explicação para os sacrifícios está ligada ao fato de Deus ser concebido à maneira humana. Portanto, Deus tem necessidade de comer e se alegra com o cheiro agradável das oferendas. Conforme De Vaux: “O altar é a mesa de Deus e os pães da oblação são os pães de Deus.”<sup>20</sup> Os povos vizinhos de Israel, na Mesopotâmia, assim como os cananeus tinham uma ideia do sacrifício como *ceia* de seu deus.

Portanto nota-se, observando os diversos rituais, tipos e etapas que essa ideia de ceia pode ser observada no livro do *Gênesis*: “Iahweh respirou o agradável odor”.<sup>21</sup> Essa passagem se refere ao sacrifício de Noé com um eco do relato babilônico do dilúvio.

Contrapondo, essa ideia da aceitação de Deus, há também muitos relatos na Bíblia em que Ele rejeita outros sacrifícios, como no caso no livro dos *Juízes*, em que a refeição é transformada em um holocausto: “Mesmo que insistas não comerei de tua refeição.”<sup>22</sup> Isso dá margens à possibilidade, na visão do povo, de que nem sempre Deus ficava satisfeito com os sacrifícios oferecidos. Outrossim, essa noção de sacrifício como refeição oferecida não é uma explicação satisfatória do sacrifício israelita, mas fornece uma compreensão parcial do porquê aconteciam esses ritos no AT.

### 1.1.2 O Dia das Expições ou Dia do Perdão

Esse dia é chamado em hebraico de *Yom Kippur*, e é comemorado no décimo dia do sétimo mês, no qual os judeus até os dias de hoje são convidados a um dia de jejum severo e a não trabalharem de um pôr do sol ao seguinte. Porém, atualmente não há mais o sacrifício de animais.

Sua fundamentação se encontra no *Levítico*:

[...] porque nesse dia se fará o rito de expiação por vós, para vos purificar. Ficareis puros de todos os vossos pecados, diante de Yahweh. Será para vós um repouso sabático e jejuareis. É uma lei perpétua. O sacerdote que tiver recebido a unção e a investidura, para officiar em lugar de seu pai fará

---

<sup>19</sup> DE VAUX, 2003, p. 487.

<sup>20</sup> DE VAUX, 2003, p. 487.

<sup>21</sup> Gn 8,21.

<sup>22</sup> Jz 13,16.

o rito de expiação. Porá as vestes de linho, vestes sagradas [...].<sup>23</sup>

Para o ritual do Dia das Expições no AT eram escolhidos alguns animais para o sacrifício. Um novilho para ser sacrificado pelo pecado, um carneiro para o holocausto e dois bodes, sendo um deles pelo pecado e o outro para expiação, que é solto no deserto destinado a *Azazel*, um demônio. Somente o sumo sacerdote entra na tenda da reunião durante os atos sagrados. Na sua entrada pela primeira vez na tenda, ele queima o incenso e faz a expiação para si mesmo e para a sua casa com o sangue de um novilho. Na última vez que entra, ele faz a aspersão pelos pecados do restante do povo, com o sangue do bode que foi imolado ao Senhor. É o que diz Farias: “O sumo sacerdote, estando próximo ao sagrado nesse único dia do ano, quebra a lei da separação por causa das impurezas.”<sup>24</sup>

Os demais ritos são feitos fora da Tenda, diante do povo. O sacerdote coloca a mão na cabeça do bode e sobre ele confessa todos os pecados do povo e transgressões dos filhos de Israel. Depois o animal é levado ao deserto com as culpas que para ele foram *transferidas*. Conforme a teologia oficial pós-exílica, deserto é o local onde o Senhor não habita. Segundo Farias: “O bode expiatório sacrificado em um ritual tem o sentido de apaziguar e controlar a violência surgida dos conflitos diversos entre seus membros. Um é sacrificado pela pacificação dos demais.”<sup>25</sup>

Assim, para cada parte do ritual, havia um significado. Cada animal oferecido morto “carregava” o pecado do indivíduo necessitado de restituição de seus atos, desejoso do perdão de Deus, para ser purificado.

Quanto à aspersão do sangue, ela é usada várias vezes. Tem a função de unir o povo impuro ao sagrado, impedindo a sua morte. A ira divina é aplacada pelos atos do sumo sacerdote. É o único capaz de fazer com que Deus e o povo continuem a aliança. No NT, Jesus vai fazer referência a essa prática e Ele mesmo vai se tornar o Cordeiro Imolado.<sup>26</sup> Portanto, esses rituais de purificação do AT prenunciavam o modo como, no NT seriam remidos os pecados humanos através do perdão oferecido por Jesus na cruz.

---

<sup>23</sup> Lv 16,30-34.

<sup>24</sup> FARIA, J. de F. Sacrifícios e o Dia das Expições em Levítico. **Estudos Bíblicos**, vol. 33, n. 129, p. 58-70, jan/mar. 2016. p. 58.

<sup>25</sup> FARIA, 2016, p. 59.

<sup>26</sup> Jo 1,19.

Atualmente, os judeus mantiveram quase que fielmente a prática do dia do *Yom Kippur*, pois como afirma Wondracek:

O Dia do Perdão é um dia de jejum completo – líquidos e sólidos –: vestimos roupas brancas (...), fazemos um balanço e arrependimento, é um dia dedicado à oração. Temos a proibição de todos os prazeres mundanos: comida, bebida, perfume e sexo, (...). O encerramento desse dia é marcado pelo toque do shofar<sup>27</sup>, que serve para acordar a alma.<sup>28</sup>

Os judeus dedicam-se completamente nesse dia às diversas prescrições do ritual com a intenção de se arrependerem de seus pecados. Eles procuram encontrar no perdão um caminho de diálogo com seus irmãos e com eles mesmos, reconhecendo seus erros. E, além de tudo isso, representa um meio de se aproximarem mais de Deus.

Outro quesito a se considerar é a grande importância que é dada ao templo, ou santuário, pelos judeus e pelo povo de Israel. Estão intimamente ligados com os temas do juízo e da restauração. O livro de Ezequiel já destacava a centralidade do templo. Conforme Rueda Neto: “Para o profeta a existência ou inexistência do templo parece implicar a própria existência ou inexistência da nação judaica”.<sup>29</sup> O que definia a vida e a identidade do povo judeu não era sua atividade política, nem questões ligadas à posse da Terra Prometida, mas a ligação do povo ao templo e sua aceitação como habitação por parte do Senhor. A pureza e impureza de Judá ou de Israel, a presença ou ausência de Deus entre o povo, tudo isso estava centralizado no santuário.

O Dia da Expição, cerimônia que tem sua realização em conexão com o santuário, tem um paralelo em Ezequiel, particularmente nos capítulos 40 a 47, que discorrem sobre a purificação e reabilitação do templo. Segundo Rueda Neto: “A data em que o profeta teve essa visão foi possivelmente o décimo dia do sétimo mês, como narrado anteriormente. Este é o dia do *Yom Kippur*.”<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Shofar era um instrumento de vento feito com um chifre de carneiro.

<sup>28</sup> WONDRAECK et al, 2016, p. 37.

<sup>29</sup> RUEDA NETO, Eduardo. O Juízo Divino em Ezequiel. **Revista de Teologia da PUCRS**. Telecomunicação, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-9, jan/dez. 2022. p. 3.

<sup>30</sup> RUEDA NETO, 2022, p.6.

Há outros pontos que *unem* os livros do Levítico e do Ezequiel com várias particularidades relativas ao tema da expiação. Entre eles está a roupa usada por quem realiza a cerimônia. O traje de linho usado no Dia da Expição pelos “executores da sentença,”<sup>31</sup> os sumos sacerdotes, era de linho branco.<sup>32</sup> “Os sacerdotes usavam algo parecido com a túnica santa de linho no seu serviço ao longo do ano.”<sup>33</sup> As vestes brancas sugerem uma santidade e eminência divina. Porém muitos estudiosos acham mais razoável considerá-lo apenas uma *figura angelical*.

A imagem do santuário ou templo ocupa uma posição central no livro de Ezequiel e é notável sua associação com o tema do julgamento das pessoas com relação às suas faltas<sup>34</sup>. Parece estar relacionado com a averiguação divina dos pecados do povo de Jerusalém e Judá, com o intuito de preservar a vida dos justos e exterminar os pecadores. Com esse cenário há paralelos significantes com o cerimonial do Dia da Expição. Conforme Rueda Neto: “Em ambos há um teor judicial. A separação entre penitentes e impenitentes, a vestimenta dos oficiantes, a atitude de humilhação e contrição esperada dos adoradores”.<sup>35</sup> Portanto, a relevância do santuário ou templo se dá por ser o local onde ocorriam as cerimônias de expiação para purificação e perdão dos pecados.

Quanto à origem da celebração do Dia da Expição e seus rituais, não significa que seja muito antiga, pois a combinação de usos levíticos e de superstições populares são notados em rituais de purificação mais recentes. Nos textos históricos ou nos livros dos profetas não se encontram menções que falem desta celebração, nem referência aos rituais com o bode para Azazel.<sup>36</sup>

Mais ainda, quanto as origens desses rituais parecem que podem ter sido incorporados dos ritos do ambiente pagão onde viviam, ou seja, dos povos semíticos, dentre eles, está o povo mesopotâmico, como esclarece De Vaux, ao identificar alguns termos usados:

O nome corrente do sacrifício em acádio é *nequ*; a palavra *zibu*, equivale do hebraico *zebah*, só é empregada raramente e pode ser um empréstimo do semítico do Oeste. *Nequ* designa propriamente

---

<sup>31</sup> Ez 9,2.

<sup>32</sup> Lv 16,4-23.

<sup>33</sup> Lv 6,10.

<sup>34</sup> Ez 9,1-11.

<sup>35</sup> RUEDA NETO, 2022, p. 8.

<sup>36</sup> DE VAUX, 2003, p. 545.

a libação de água, de vinho, de cerveja [...] que acompanha o sacrifício. Este é antes de tudo uma refeição oferecida à divindade.<sup>37</sup>

O espaço para colocação das oferendas a deus era o altar da celebração, onde eram dispostos os animais, as frutas, os pães, como também as bebidas. Ainda segundo Vaux: “A mesa do deus é preparada duas vezes por dia, quatro vezes no ritual mais recente, e o sacerdote é o organizador da festa.”<sup>38</sup> Também eram utilizados perfumes para atrair a divindade para a mesa. Mas nos sacrifícios mesopotâmicos os animais e demais alimentos não eram queimados sobre o altar, como nos rituais israelitas. Não existiam assim, os holocaustos e sacrifícios de comunhão. No lugar dos sacrifícios expiatórios havia o sacrifício de substituição:

Para evitarem uma má sorte ou a vingança dos deuses, pegava-se um animal ou fabricava-se uma efígie que eram colocados no lugar do ofertante e, com fórmulas apropriadas, após serem imolados ou destruídos, desviavam a cólera dos deuses ou demônios para o substituto e, o mal era curado ou o perigo afastado.<sup>39</sup>

Outro povo dos quais os israelitas podem ter herdado os rituais de seus sacrifícios foram os árabes. As fontes sobre esses sacrifícios vêm de alusões do *Corão*, de práticas pagãs do Islã e inscrições pré-islâmicas.

As civilizações mais avançadas eram as da Arábia do Sul, principalmente, conforme De Vaux onde estavam localizados “[...] os reinos de Maan, Saba, Qataban e Hadramount tinham seus santuários e seus rituais.”<sup>40</sup> As ofertas eram diversificadas e apresentadas no altar, no templo. Os altares eram de libações e de perfumes, segundo as inscrições pré-islâmicas e eram em grande número. “Os sacrifícios oferecidos eram de animais, ovelhas e touros principalmente, e bastante sangrentos.”<sup>41</sup> O critério de antiguidade dos rituais israelitas, é devido ao contato com os povos nômades da Arábia, pois o sacrifício de animais domésticos era algo comum entre os pastores e usados nos rituais.

---

<sup>37</sup> DE VAUX, 2003, p. 471.

<sup>38</sup> DE VAUX, 2003, p. 471.

<sup>39</sup> DE VAUX, 2003, p. 472.

<sup>40</sup> DE VAUX, 2003, p. 475.

<sup>41</sup> DE VAUX, 2003, p. 475.

Retornando aos rituais israelitas, o culto do templo tinha uma função muito importante. As normas sacrificiais eram observadas cuidadosamente para evitar omissões e abusos que poderiam diminuir o *poder* propiciatório. Esses sacrifícios eram o principal meio de obter a misericórdia de Deus. Também era de grande importância a oferta pelo pecado, isto é, constituía também um meio de receber o perdão dos pecados. Conforme Fohrer:

O uso do sangue sacrificial era analogamente complexo: além de ser derramado na base do altar, era aplicado nos chifres do altar dos holocaustos (Lv 4,25-30) ou do altar do incenso (Lv 4,7-18) e aspergido sete vezes diante do véu do santuário (Lv 4,6-17).<sup>42</sup>

Esses rituais tinham como finalidade a *purificação* de diversos objetos e de diversas partes do altar, assim suas ofertas eram usadas como sacrifício de santificação.

Portanto, os rituais no AT aconteciam conforme os costumes e necessidades de cada povo e, geralmente tinham origem em outros lugares ou povos vizinhos. Tinham um forte vínculo com o templo onde eram realizados os sacrifícios. Havia forte desejo de purificação, de união com seu Deus, de perdão e santificação.

### 1.1.3 A lei de Talião

As punições, por transgressões cometidas, nem sempre obedeceram a uma lógica no decorrer da história. As leis há muito vêm se reajustando conforme a época em que foram prescritas. Muitas foram elaboradas na tentativa de instituir a justiça para alcançar uma certa paz na sociedade.

Entre elas está a *lei de Talião* que, consistia em punir o ofensor com o mesmo peso do dano que se causou ao ofendido, isto é, na justa reciprocidade do crime cometido. Seria a lei do *olho por olho, dente por dente*. As origens dessa lei estão no *Código de Hamurabi*, da Babilônia Antiga: “[...] escrito em acádio ou babilônio antigo (1750-1730 a. C.), tratando sobre delitos e penas, traz um conceito similar no livro do

---

<sup>42</sup> FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Trad. Josué Xavier. Academia Cristã; Paulus, 2006. p. 491, grifo do autor.

Pentateuco.”<sup>43</sup> O princípio que regia essa lei era alcançar o equilíbrio entre o crime e a penalidade. No livro do *Levítico*, seguem algumas leis a respeito:

Se um homem golpear um ser humano, quem quer que seja deverá morrer. Quem ferir mortalmente um animal deve dar a compensação por ele: vida por vida. Se um homem ferir um compatriota, desfigurando-o, como ele fez, assim se lhe fará. Fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. O dano que se causa a alguém, assim também se sofrerá.<sup>44</sup>

Desse modo, a *lei de Talião* foi um meio de regular as relações entre as pessoas nos mais diversos âmbitos referentes aos delitos praticados contra o indivíduo, às comunidades ou às propriedades. À primeira impressão, parece se utilizar da vingança. Porém, sem essa regulamentação de grau da pena, as respostas seriam injustas, oprimindo socialmente os mais fracos, pois essa era uma sociedade que estava imersa no pecado. Essa desproporcionalidade aparece no livro do *Gênesis*, onde Deus ficou muito arrependido de sua criação, e lhes enviou o dilúvio: “Yahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra e, que era continuamente mal todo desígnio de seu coração e, arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra e, afligiu-se o seu coração.”<sup>45</sup> Essa narrativa mostra como o homem endureceu o seu coração após a *queda*, e ficou mal e agressivo. Outras passagens da Bíblia apresentam o homem nesta perspectiva.

A *lei de Talião* vai ao encontro de pôr limites na escalada de vingança dentro do contexto histórico do Pentateuco e traz um princípio regulador daquela cultura e época. Foi um meio de se obter a justiça de uma certa forma, mas onde não se observou nenhum elemento ligado ao perdão. Não se sustentou por muito tempo e foi dando lugar às outras formas de justiça conforme a necessidade das comunidades.

#### 1.1.4 O livro do Deuteronômio e o ano sabático

---

<sup>43</sup> MEISTER, Mauro F. **Olho por Olho**: A Lei de Talião no Contexto Bíblico. Fides Reformata XII, n. 1, 2007. p. 58.

<sup>44</sup> Lv 24,17-20.

<sup>45</sup> Gn 6,5-6.

Havia um ideal de igualdade social no tempo da confederação das tribos, mas posteriormente foi rompido, pois alguns indivíduos que tomavam um valor ou bens a juros, não conseguiam pagá-los, e se endividavam. Dessa forma, cresceu a pobreza e a servidão dos devedores e de seus fiadores. O ano sabático foi criado pela legislação religiosa da época para tentar remediar essa situação, conforme o que diz Dt 15,1-5:

A cada sete anos farás remissão [...]: todo credor que tinha emprestado alguma coisa ao seu próximo remitirá o que havia emprestado; não explorará seu próximo, nem seu irmão, porque terá sido proclamada a remissão em honra de Yahweh. Poderás explorar o estrangeiro, mas deixarás quite o que havias emprestado a seu irmão. É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre, porque Yahweh vai abençoar-te na terra que Yahweh teu Deus te dará, para que a possuas como herança.<sup>46</sup>

A exploração dos indivíduos endividados era enorme e absurda. Portanto, o ano sabático era uma maneira de dar um pouco de dignidade aos que não tinham como pagar suas dívidas. Segundo Fohrer: “[...] cujo propósito era tornar possível um novo começo, em intervalos regulares, para aqueles que estavam numa baixa posição social”.<sup>47</sup> Era um tipo de lei de remissão, já que a dívida era uma espécie de pecado que deveria ser paga de alguma forma. Essa lei isentava o devedor de ter que se submeter ao credor. Muitas vezes, não tendo como pagar, era ele mesmo retido como escravo para pagamento da dívida, ou, ainda, sua família e seus filhos.

Ninguém deveria negar a emprestar ao seu irmão, afirmando que estaria próximo o ano da remissão. Segundo Vaux: “O caráter geral e periódico dessa instituição é confirmado por Dt 31,10-11, que prescreve a leitura da Lei a cada sete anos, tempo estabelecido para o ano da remissão.”<sup>48</sup>

Dentro das disposições do ano sabático estavam, portanto, o repouso da terra e a libertação dos escravos israelitas. Isso marcava o perdão das dívidas. Conforme De Vaux: “O ciclo de sete anos inspira-se evidentemente na semana de sete dias, que termina com o repouso do

---

<sup>46</sup> Dt 15,1-5.

<sup>47</sup> FOHRER, 2006, p. 390.

<sup>48</sup> DE VAUX, 2003, p. 210.



sábado”.<sup>49</sup> Daí deriva o uso da mesma palavra *sábado* ou sua desinência: ano sabático. Portanto, essa determinação legal da época era uma forma de perdão dos pecados, ainda que no campo financeiro ou material e era concedida com a promessa aos credores que eles seriam recompensados por Deus.

O ano sabático é assim, uma instituição antiga, mas não há escritos que confirmam o quanto os israelitas lhe eram fiéis. Aos que lhe eram fiéis, e eram misericordiosos com seu irmão havia a promessa que Deus haveria de abençoar suas colheitas e toda a sua vida.

### 1.1.5 O Exílio da Babilônia e o perdão dos pecados

Um dos acontecimentos mais marcantes na história de Israel foi sem dúvida o exílio babilônico. Os expatriados, levados para um lugar estranho, se viram forçados a repensar a suas atitudes com a divindade e perante sua vida. Segundo Ildo Bohn Gass:

As marcas foram tão profundas que esse período pode ser considerado um divisor de águas histórico. Fala-se em antes e depois do exílio. Foram muitas mudanças, na religião e na teologia. Foi uma reviravolta completa. Foram perdidos os principais referenciais que davam identidade nacional aos judaítas: o estado, o rei, a terra, o templo, a cidade santa<sup>50</sup>.

O profeta Jeremias tem um papel importante quanto aos motivos do porque tão “grande desgraça” teria se abatido sobre o povo de Judá.

Conforme Alessandra Trigo: “...a principal razão apresentada pela divindade para justificar o exílio teria sido o abandono da Lei<sup>51</sup>. Tal abandono pode ser confirmado na passagem onde Yahweh se dirige ao profeta:

---

<sup>49</sup> DE VAUX, 2003, p. 210.

<sup>50</sup> GASS, Ildo B. **Uma Introdução à Bíblia: Exílio Babilônico e Dominação Persa – Primeiro Testamento**. 3ª. ed. São Paulo: Paulus, v. 5, p. 14. 2007.

<sup>51</sup> TRIGO, Alessandra C. M. de C. **O Exílio da Babilônia: um novo olhar sobre antigas tradições**. 105 p. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

Tu lhes dirás: Assim disse Yahweh. Se não me escutardes para seguirdes a minha lei, para atenderdes as palavras de meus servos, os profetas, que eu vos envio sem cessar, mas vós não escutais, eu tratarei esta casa como a Siló e farei desta cidade uma maldição para todas as nações da terra<sup>52</sup>.

Esse descumprimento da lei implicava na quebra da aliança sinaítica, e todas as acusações apresentadas anteriormente faziam parte deste código, aceito pelos antepassados do povo de Israel.<sup>53</sup> E porque se desviaram, seguindo outros preceitos e outros deuses, Yahweh assim se manifestou: “[...] Eu os dispersarei entre as nações que não conheceram, nem eles nem seus pais, e enviarei atrás deles a espada, até que os tenha exterminado”<sup>54</sup>.

Os babilônicos seguiram estratégias de dominação, após o rei Joaquim ter suspenso o pagamento dos impostos<sup>55</sup>. Levaram o povo em grupos para o exílio. Os que viviam no interior, poucos foram atingidos. A elite permaneceu junto à corte da Babilônia, porém grande parte dos reféns foram reassentados junto aos rios Cobar e Tel Abib<sup>56</sup>. Grande é o sofrimento e sentimentos saudosistas experimentados pelos exilados nesse local<sup>57</sup>:

À beira dos canais de Babilônia  
nos sentamos e choramos  
com saudades de Sião;  
nos salgueiros que ali estavam  
penduramos nossas harpas.

Porém, as sementes da divindade ainda estavam plantadas no coração dos exilados, e o fato de terem sido levados em grupo, isso os ajudou a terem uma esperança de reconstrução do elo com Deus. O profeta Jeremias, com suas mensagens, também teve grande influência no reerguimento da nação judaica. O posicionamento dos deportados em relação à divindade com as outras nações facilitou o reinício da vida. “A perspectiva de que a terra de Israel era santa, porém, os territórios das

<sup>52</sup> Jr 26,4-6.

<sup>53</sup> TRIGO, 2007, p. 106.

<sup>54</sup> Jr 9,15.

<sup>55</sup> 2Rs 24,1.14-16.

<sup>56</sup> GASS, 2007, p. 12.

<sup>57</sup> SI 137,1-2.

outras nações poderiam vir a juntar-se ao povo santo, tornava mais fácil a reabilitação e a reconstrução de rituais de cultos a Iahweh<sup>58</sup>. Essa ideia proporcionava certo consolo aos expatriados.

Jeremias exortou os exilados a assumirem a nova pátria como sua, pois esta não era mais inimiga, pois carregava o povo de Deus consigo.

Ele fala de Deus como estando presente em todos os lugares e não somente no templo. Assim, mais próximos de Deus, sob sofrimentos puderam fazer uma reflexão sobre a história passada do povo, sobre sua infidelidade à aliança com Yaweh<sup>59</sup>. Essa revisão de consciência os levou a um arrependimento quanto às infidelidades cometidas.

Como tudo era entendido, até então, a partir do conceito da justiça de Deus, o sentimento de culpa dos exilados era muito grande. “Mas assumindo a culpa o povo estava reconhecendo sua responsabilidade pelo que estava acontecendo e, estavam dispostos a mudar o rumo de sua caminhada.”<sup>60</sup> Precisaram sentir o perdão de Deus, com um forte apelo de conversão e, retornar à fidelidade. Isaías se refere ao perdão e à fidelidade de Yaweh a seu povo: “Dissipei tuas transgressões como névoa e os teus pecados como nuvem; volta-te para mim porque te redimi.”<sup>61</sup>

Neste cenário várias ideias e atitudes sofreram evoluções. Quanto ao conceito de Deus, os exilados experimentaram sua presença num novo contexto, de proximidade. Com isso, superou-se a teologia da elite sacerdotal de Jerusalém, com Yaweh no templo. A responsabilidade não era mais somente coletiva, mas também pessoal. O culto também sofreu mudança. Como o altar tinha sido destruído e sem a possibilidade da oferta de animais sacrificados, passou-se à valorização das Escrituras<sup>62</sup>. Surgiu então a sinagoga, como um local para a reunião dos judeus e leitura da Palavra. E com ela o “judaísmo” depois do exílio.

Sem templo, sem sacrifícios, a obtenção do perdão dos pecados, a partir do exílio, passou a ser feita num nível mais pessoal. Mormente Trigo comenta: “[...] o povo, como indivíduo ou como comunidade, em terra estrangeira teria a realidade completa de sua relação com a divindade através da oração ou de qualquer outra forma de ligação com o divino.”<sup>63</sup> E completa: “A noção de individualidade trouxe, como consequência, a

<sup>58</sup> TRIGO, 2007, p. 120.

<sup>59</sup> GASS, 2007, p. 17.

<sup>60</sup> GASS, 2007, p. 18.

<sup>61</sup> Is 44,22.

<sup>62</sup> GASS, 2007, p. 19.

<sup>63</sup> TRIGO, 2007, p. 127.

responsabilidade dos atos pessoais não recaírem mais sobre o coletivo. A relação com Iaweh e sua ação, seria realizada no íntimo de cada um, na medida definida pelo transcendente.”<sup>64</sup>

O Exílio da Babilônia representou uma fonte de grandes sofrimentos para os exilados, mas também um processo de morte e renascimento. Com as suas seguranças destruídas, como a terra e o templo, vislumbraram caminhos de maior proximidade com Deus, como a leitura e meditação da Palavra, a oração. Através desses meios mais acessíveis ao seu perdão, ficaram mais sensíveis ao amor de Deus em toda a sua plenitude.

Já, durante o Exílio e após, novas formas de oração nasceram. Os salmos foram um meio encontrado para a aproximação com o sagrado. O pedido de perdão dos pecados fazia parte dos saltérios penitenciais. Com a participação do grupo se tornava mais fácil a aproximação de Deus. O louvor coletivo promovia o exame de consciência e a entrega do fiel a Deus.

## 1.2 O PERDÃO NA LITERATURA SAPIENCIAL

Os textos bíblicos tiveram, em certas épocas, a característica de auxiliar a comunidade nas suas tarefas do dia a dia. Para as mais diversas situações, seja de alegria com as vitórias alcançadas, seja de sofrimento nas calamidades ou doenças, seus membros se serviam deles para poderem se comunicar com mais fervor entre eles e com Deus.

Nesse contexto, conforme Stadelmann: “Na comunidade eram celebrados vários ritos. Os ritos cíclicos, estavam ligados ao tempo festivo, ao ritmo das estações anuais e aos vários períodos do ano.”<sup>65</sup> Os salmos, entoados ou cantados surgiram do anseio de melhor proclamar e dar mais ênfase à Palavra de Deus. Assim como também como uma forma de obterem a misericórdia de Deus.

### 1.2.1 Os salmos

Os artistas da poesia lírica eram muito criativos e conseguiram unir em seus escritos o conteúdo da Palavra de Deus, a música e suas

---

<sup>64</sup> TRIGO, 2007, p. 127.

<sup>65</sup> STADELMANN, Luis. **Os Salmos da Bíblia**. Edições Loyola: Paulinas, São Paulo, 2015. p. 25.

emoções, e suscitaram a empatia entre o leitor e os autores, colocando seus sentimentos nos arranjos realizados. “Os salmistas são poetas que traduzem as aspirações pessoais do Povo Eleito em seu diálogo com Deus,”<sup>66</sup> conforme acentua Stadelmann. Assim, na oração dos salmos, os fiéis aprenderam a rezar com mais interioridade e transcendência. E nessas orações aprenderam as mais elevadas doutrinas a respeito de Deus e sobre o desígnio salvífico para a humanidade.

A entoação dos salmos tem essa capacidade de propiciar a abertura para a graça de Deus, pois conta com a ajuda de toda a comunidade dentro do ritual litúrgico praticado. Dentro desse contexto, o ser humano está aberto às manifestações de amor que o transforma e o encaminha a uma total doação de si.

Vários desses salmos, como se sabe, foram revistos e adaptados ao uso litúrgico. E são diversos os efeitos proporcionados pela sua leitura e sua entoação. Seu objetivo principal é afirmar a fé, nutrir a esperança e fazer crescer a caridade do fiel orante.

Com os salmos houve um progresso no modo do indivíduo se aproximar de Deus, com o auxílio de sua comunidade. Ao entoarem conjuntamente a Palavra de Deus, havia uma maior facilidade de meditação da Sua vontade sobre suas vidas e sobre suas atitudes, seu ser e sobre sua misericórdia e seu amor que perdoa os pecados. Assim, conseguem exprimir o sentimento de adoração da majestade divina e reconhecem o seu poderio. As pessoas, através dos salmos, com suas preces de perdão, louvor, gratidão já não se sentem sozinhos em suas necessidades, mas, se unem numa coletividade para expressar seus mais diversos sentimentos, afastar os males e trazer alegria às suas almas novamente.

Quanto aos gêneros literários, há diversos, dentro dos diferentes tipos de salmos, cada um relativo ao respectivo tipo de oração e às necessidades espirituais de cada espécie de comunidade litúrgica.

Os salmos *penitenciais* são os que estão ligados diretamente ao perdão e se referem à conversão e ao pedido de reconciliação do pecador com Deus e sua comunidade. São súplicas a Deus pelo perdão dos pecados e auxiliam no exercício de revisão de consciência e pedido de purificação da alma. Esse gênero de salmo tem diversos elementos característicos, tais como:

Exame de consciência sobre os atos culposos.  
Cometidos e sua gravidade. [...]; Revisão de vida  
[...]; Lamento pela experiência do pecador [...];

---

<sup>66</sup> STADELMANN, 2015, p. 33.

Contrição [...]; Compunção [...]; Prece de perdão do pecado [...]; Expressão de confiança em Deus [...]; confissão do pecado [...]; Testemunho de Inocência [...]; Súplica de salvação [...]; Propósitos Para a vida [...]<sup>67</sup>

Dessa forma, o penitente, mediante uma grande confiança em Deus, e por meio da entoação dos salmos, após reconhecer o seu pecado, faz a revisão de sua vida, de suas atitudes e, consegue exprimir a sua dor interior por ter ofendido a Deus, se determinando a evitar o mal no futuro.

A ação acontece interiormente e não mais exteriormente, como nos sacrifícios. Os sinais exteriores são bem mais discretos e são a aspensão e a purificação. Em resposta, o penitente sente uma consolação espiritual na alma mediante a graça divina. São muitos os frutos recebidos, pois, “[...] o espírito de generosidade sustenta a dedicação à causa de Deus, enchendo a alma de alegria pela graça da salvação.”<sup>68</sup>

Desse modo, a pessoa se sente entregue a Deus. Os salmos têm o poder de fazer esse elo, estabelecer uma relação mais estreita do pecador com aquele que vai purificar realmente a alma do indivíduo. Os salmos penitenciais, que contemplam o pedido de perdão de pecados e de contrição aparecem mais visivelmente nos salmos 6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143.<sup>69</sup>

O salmo 50, que é referente aos pecados do rei Davi, é o salmo penitencial por excelência, pois nele o autor enxerga as suas transgressões se reconhecendo pecador, pois conforme Sassi: “Davi recupera a consciência através do profeta Natan [...]. Ele suplica pela misericórdia divina, a fim de ser restaurado e perdoado, almejando sentir novamente as alegrias espirituais.”<sup>70</sup> Neste salmo, Davi reconhece a sua fraqueza e o mal que cometeu. E especialmente se refere à forma mais desejada por

Deus para exprimir seu arrependimento; “Pois não te agradas de um sacrifício, e se te oferecesse um holocausto não o aceitarias. O sacrifício agradável a Deus é um espírito contrito”<sup>71</sup> Através da consciência do grau sério de seus pecados ele entende e confessa a Deus suas faltas e ressalta que somente Deus pode perdoá-lo. Assim, demonstra e testemunha à sua comunidade a força do gesto de arrependimento e do pedido de perdão.

<sup>67</sup> STADELMANN, 2015, p. 57 a 59.

<sup>68</sup> STADELMANN, 2015, p. 58.

<sup>69</sup> STADELMANN, 2015, p. 18.

<sup>70</sup> SASSI, Jusley C. da S. **Salmos Penitenciais**: forma de expressão de reconhecimento pelo pecado. 40 p. Monografia (Curso de Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí/RS, 2016. p. 19.

<sup>71</sup> SI 51,18-19.

Constatou-se que o pedido de perdão passou, assim, por diversas etapas e eventos no AT. Os povos, das mais diversas culturas e épocas podiam se relacionar com a divindade e, conforme os seus objetivos, expectativas e necessidades pessoais ou do grupo a que estavam inseridos. Cultos sacrificiais eram a principal forma de aproximação com Deus, como vimos e aconteciam no templo e, por diversas razões. Entre elas estava o fato de constituírem um meio de purificação do indivíduo que, estava atrelado ao desejo de libertação pelo pecado cometido. Entre esses rituais estavam os holocaustos que, mediados pelo sacerdote ou sumo-sacerdote, propiciavam o aplacamento da ira divina sobre o ofertante, que era transferida para o animal ofertado. O sangue, princípio vital do animal, era seu principal agente e formava um elo entre Deus e o fiel. Dessa forma os pecados e as culpas do indivíduo ou grupo eram perdoados.

Dentro das formas de pedido de perdão, o Ano Sabático foi uma expressão de misericórdia concedida ao povo. Já na lei de Talião, a justiça era feita conforme a equiparação da pena cometida. Mormente, ambos foram meios de regular as relações entre os indivíduos no tocante as transgressões que ocorriam na sociedade da época.

O *Yom Kippur*, o ritual anual de purificação era baseado nos sacrifícios, mas foi modificado com o tempo. Perdeu-se a realização dos ritos sacrificiais. A forma de remissão dos pecados foi sendo substituída por outros métodos. Essas substituições ocorreram por diversos motivos e por conta de várias situações como o ocorrido com os exilados na Babilônia. Por estarem em terra estranha, sem-terra e sem templo foram levados a repensar novos meios de se relacionarem com Deus. A sinagoga passou a ser o centro da vida de fé dos judeus.

No AT os sacrifícios eram a forma primitiva de se obter o perdão dos pecados e o meio de reconciliação com Deus. Apesar da aliança entre Deus e seu povo ter sido rompida várias vezes, Deus está sempre próximo de seus filhos. Ele tem esperança que seu povo se arrependa e trilhe o caminho da justiça para viver de acordo com Sua vontade.

O sangue da expiação da Antiga aliança que, prefigurava o sacrifício perfeito de Cristo era o meio pelo qual se obtinha o perdão dos pecados aos que Deus se aproximasse confiantemente. Por meio dele o perdão era dado gratuitamente, mas sempre condicional ao arrependimento e a fé. Um perdão sempre completo e verdadeiro.

## 2 O NOVO TESTAMENTO E O PERDÃO DOS PECADOS

No capítulo anterior, referente ao AT, pudemos entender como acontecia a remissão dos pecados. Era baseada em sacrifícios de animais, na forma de holocaustos e oblações. Seu significado era diverso. Esses rituais estavam ligados ao templo e eram mediados pelos sacerdotes. Aos poucos, devido a diversas situações o culto a Deus passou a ser realizado em outros locais e de outras formas. Acontecia na sinagoga e por meio da leitura da Palavra e pela oração. Conjuntamente com o culto acontecia o arrependimento e o perdão dos pecados. Mas ainda havia uma considerável distância entre Deus e o penitente.

Neste capítulo vamos abordar o tema do perdão na perspectiva da Nova Aliança, inaugurada por Jesus Cristo. Veremos esse tema sob o olhar do apóstolo Lucas, e centralizado na perícope da pecadora perdoada. Será dado um enfoque significativo no contexto da ação e naqueles e naquilo ao qual está ligada a trama: as mulheres, as classes sociais e a comensalidade. Isso para tentarmos vislumbrar o mistério do perdão, trazido à tona nessa narrativa de encontros e desencontros.

### 2.1 O CONTEXTO DA PERÍCOPE (Lc 7,36-50)

Toda história se desenrola dentro de um contexto, assim é fundamental estarmos atentos aos seus acontecimentos para conseguirmos entender melhor a sua narrativa, como nos explicita Eduardo Arens: “Ao compor, o escritor seu texto, fê-lo em seu tempo e em seu mundo, tendo presente uma comunidade específica desse tempo e desse mundo”<sup>72</sup>.

Para que haja o aprofundamento de qualquer narrativa é muito importante, todavia, sobretudo nos textos teológicos e bíblicos, que não são relatos cronológicos, mas uma história diferente e indiscutível, levar-se em conta que os resultados serão revistos com o seu desenrolar, como assinala José Mendonça, em que a descrição de um relato tem muitas variantes:

Sabemos que a Bíblia nasceu da vida, das grandes pulsões da história, de uma história agitada pela fé

---

<sup>72</sup> ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. p. 5.



e pela presença do transcendente. Mas também de uma história tangível, muito marcada, em alguns campos até muito limitada. Esta compreensão da história é importante para compreender a própria Palavra.<sup>73</sup>

Mas o objetivo da narração, nesse caso, não é uma descrição objetiva e linear dos fatos, que é normal à história científica, mas está norteadada por diversos parâmetros. Sobre isso Mendonça afirma: “[...] é essa riqueza, essa não linearidade assumida, uma das fortes garantias de que o caminho proposto pela Bíblia é mesmo um caminho sagrado, um caminho para o transcendente.”<sup>74</sup> O referido autor, pontua que a Bíblia não carece de ser lida “ao pé da letra”, mas sim interpretada, a partir de leituras, releituras e reelaborações.

### 2.1.1 O Evangelho de São Lucas

Lucas Evangelista com seus escritos nos apresenta várias narrativas da vida de Jesus. Era médico e amigo de Paulo: “Saúdam-vos Lucas, o médico amado”<sup>75</sup>. Também é o autor dos Atos dos Apóstolos. Foi muito cuidadoso e hábil em seus escritos: “São Lucas é escritor de grande talento e alma delicada. Realizou sua obra de modo original, com preocupação pela informação e pela ordem”<sup>76</sup>. O evangelista mostra o lado mais humano de Jesus, entre os quatro evangelistas. Igualmente relata singularmente o perdão. Segundo Izidoro Mazzarolo: “Jesus, em Lucas, é a imagem dessa comunhão com o divino e a divindade encarnada no humano, conferindo à criatura humana uma dignidade e um direito inalienáveis”<sup>77</sup>. Portanto, uma de suas preocupações é retratar a ligação íntima de Deus, em Jesus com sua criatura. Isso é reforçado por John Mckenzie, também em relação à sua genealogia: “A genealogia de Jesus em Lc não começa com Abraão, mas com Adão, pai de todos os homens

---

<sup>73</sup> MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita: a Bíblia e sua interpretação**. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015. p. 291.

<sup>74</sup> MENDONÇA, 2015, p. 292.

<sup>75</sup> Cl 4,14

<sup>76</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Introdução aos evangelhos. 2002. p. 1699.

<sup>77</sup> MAZZAROLO, Izidoro. **Lucas: a antropologia da salvação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013. p. 14.

que era ‘filho de Deus’ (Lc 3,38)”<sup>78</sup>. Lucas dá uma forte ênfase ao Jesus homem e Deus, e confirma isso passando por sua descendência.

Em seus escritos, o autor do terceiro evangelho procura dar à sua narrativa uma melhor organização possível dos fatos, por conta das tentativas que havia na época de modificar negativamente o que já havia sido escrito a respeito de Jesus. Assim, Mazzarolo explicita: “Não faltavam desde o começo, mal-intencionados que escreviam para desdizer ou contradizer aquilo que os verdadeiros discípulos anunciavam”<sup>79</sup>, como o de ser observado no prólogo de seu evangelho:

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra – a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes<sup>80</sup>.

Lucas deixa claro que não está compondo uma biografia de Jesus, mas fazendo um relato seguro e sólido para a catequese dos novos cristãos<sup>81</sup>. Sobre isso Rius-Campus relata:

Lucas faz uma investigação rigorosa para por às claras as omissões e deficiências que, a seu ver, tinham as obras anteriores. [...] decide escrever de modo ordenado, apontando a sucessão lógica dos acontecimentos, as conexões mútuas, a evolução interior de certas personagens, a encarnação da mensagem de Jesus em comunidades e pessoas concretas etc.<sup>82</sup>

Assim, sua história vem em forma de narração e ele se apresenta como um historiador clássico e um ótimo escritor, como se pode observar

---

<sup>78</sup> MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 5ª. ed. São Paulo: Paulus, 1985. p.558.

<sup>79</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 15.

<sup>80</sup> Lc 1,1-4

<sup>81</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 15.

<sup>82</sup> RIUS-CAMPS. **O Evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. p. 11.

na introdução dos Atos dos Apóstolos: “Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia que foi arrebatado ao céu [...]”<sup>83</sup>

Lucas é por excelência o autor que apresenta de uma forma muito qualificativa e profunda o tema do perdão, que está intimamente ligado ao da salvação. Desse modo, Russel Norman Champlin comenta:

“Também desejava apresentar um salvador universal, um grande e compassivo Médico, Mestre e Profeta, que viera aliviar os sofrimentos humanos e salvar as almas dos homens.”<sup>84</sup> A mensagem de Jesus se direcionava a todas as pessoas e tinha um carácter de universalidade. Enfatiza o amor de Jesus com os mais necessitados de atenção. “Este livro fala da bondade de Deus revelada pela compaixão de Jesus para com todos aqueles que a sociedade daquele tempo mais desprezava: pecadores, mulheres, estrangeiros, *pequeno rebanho*.”<sup>85</sup>

Além do conhecimento da sensibilidade e seriedade do autor, e da universalidade da obra, para melhor se entender toda a ideia da perícope e adentrar de uma melhor forma na realidade que ela nos apresenta, há que se entender o contexto histórico que Jesus vivenciou. Para tanto, é muito importante conhecer a cultura e as tradições que norteavam, à época, o relato de Lc 7,36-50, cerne desse trabalho de pesquisa.

Pelo enquadramento narrativo, entre os capítulos 3 e 9, Jesus está na Galileia, pouco antes de começar a sua viagem para Jerusalém.

Mendonça assim reforça essa afirmativa situacional: “Os dois personagens, Simão e a inominada, concretizam de uma maneira inesquecível esse conflito que atravessa intensamente toda a seção do ministério na Galileia e transborda para a globalidade do Evangelho”<sup>86</sup>. Simão era fariseu e Mendonça descreve os fariseus como observadores da lei, que vai nortear a história da perícope, em análise:

As suas prescrições e interditos serviam-lhes como paradigma avaliador de toda a piedade. Eram meticolosos na observância do sábado e dos dias festivos, preocupados em extremo com a regulação ritual da pureza[...]”<sup>87</sup>.

---

<sup>83</sup> At 1,1-2

<sup>84</sup> CHAMPLIN, **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural, 1982. p. 2

<sup>85</sup> MONLOUBOU, Louis; DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Trad. Gentil Titton et al. São Paulo: Aparecida, 1997. p. 478, grifo do autor.

<sup>86</sup> MENDONÇA, 2015, p. 232.

<sup>87</sup> MENDONÇA, 2015, p. 221.

Para uma melhor compreensão da perícopes em análise e, o tema do perdão inserido na mesma, será muito importante darmos um enfoque sobre o contexto político e sociocultural daquela época. Mais adiante, paralelamente verificaremos sobre a condição da mulher, como também sobre a comensalidade e seus ritos.

### 2.1.2 Análise da Perícopes de Lc 7,36-50

A narrativa de Lucas, capítulo 7, 36-50, é o coração do presente trabalho de pesquisa que retrata duas formas de acolhida segundo a capacidade de amar.

Um fariseu convidou-o a comer com ele. Jesus, pois, entrou na casa do fariseu e reclinou-se à mesa. Apareceu uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. E ficando por detrás, aos pés dele, chorava; e com as lágrimas começou à banhar-lhe os pés, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume. Vendo isso, o fariseu que o havia convidado pôs-se a refletir: “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!” Jesus, porém, tomando a palavra, disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te”. – “Fala, Mestre”, respondeu ele. “Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?”. Simão respondeu: ‘Suponho que aquele ao qual mais perdoou’. Jesus lhes disse: ‘Julgaste bem’. E voltando-se para a mulher disse a Simão: ‘Vês essa mulher? Entrei em tua casa e não me derramastes água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas e enxugou-o com os cabelos. Não me destes um ósculo; ela, porém, desde que entrei, não parou de cobrir-me os pés com beijos. Não me derramaste óleo na cabeça; ela, ao invés, ungiu-me os pés com perfume. Por essa razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi

perdoado mostra pouco amor'. Em seguida disse à mulher: 'Teus pecados são perdoados'. Logo os convivas começaram a refletir: "Quem é este que até perdoa pecados?". Ele, porém, disse à mulher: 'Tua fé te salvou; vai em paz'.<sup>88</sup>

Essa passagem faz uma forte menção a abertura para o perdão e se refere a duas atitudes as quais os membros do grupo de Jesus estavam sujeitos: exclusão ou acolhida. Atitudes essas as quais Jesus se deparou muitas vezes em Israel.<sup>89</sup> Referente à exclusão, Mazarollo comenta:

Essa secção é das mais duras como críticas à prática farisaica de fixação no passado, rejeição ao novo e tendência prepotente de condenar e julgar os inocentes. [...] Lei que impede uma prática da misericórdia e da graça.<sup>90</sup>

A história é de certa maneira de difícil compreensão, não por uma pecadora ter sido perdoada, mas pelo fato de Jesus deixar transparecer que o perdão dado, possa ter sido causado pela capacidade de amar da pecadora.<sup>91</sup> Há uma questão importante que permeia a atitude da mulher na ceia do banquete: se ela foi perdoada porque amou muito ou se amou muito porque foi perdoada. Sua experiência de se sentir curada e livre pode ter surgido antes dela vir ao banquete, talvez por ter ouvido a mensagem de compaixão e esperança de Jesus.<sup>92</sup>

A cena inicialmente se refere a um indivíduo masculino, o *fariseu*, ressaltando que este havia convidado Jesus para comer com ele. O *comer* junto implicava participar da mesma mentalidade e coletividade. O fariseu é chamado pelo nome somente no momento em que ele põe em dúvida que Jesus seja profeta.<sup>93</sup> Ele está acompanhado dos demais convivas.

---

<sup>88</sup> Lc 7,36-50.

<sup>89</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 116.

<sup>90</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 121.

<sup>91</sup> HAUGHTON, 1990, p.75.

<sup>92</sup> HAUGHTON, 1990, p. 75.

<sup>93</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 117.

A outra personagem central é feminina, a mulher, uma *pecadora*, conhecida na cidade, e que humildemente aproxima-se de Jesus. Seu nome é omitido em toda a história, para dar a entrever sobre como a sociedade teocrática judaica tratava os marginalizados: sem personalidade, eram os invisíveis<sup>94</sup>. Georgette Blaquièere descreve essa mulher:

Nenhuma manifestação indiscreta: não fala, não expõe sua angústia nem seu amor, nada pede para si mesma, nem mesmo o perdão de seus pecados. Simplesmente oferece tudo o que tem, tudo o que é: sua fé, seu arrependimento, seu perfume e suas lágrimas, seus cabelos e seus beijos, numa oferenda de amor.<sup>95</sup>

Pode-se compreender melhor ainda a períclope ao fazermos um paralelo com outras três passagens: [Mt 26,6-13; Mc 14,3-9 e Jo 12,1-11] onde encontramos as ações de unção, realizados por uma mulher em Betânia. Os quatro relatos guardam diversas semelhanças. Conforme Cláudio Malzoni: “Em todos a cena se passa no contexto de uma refeição. Onde Jesus é ungido por uma mulher. Esse gesto provoca uma reação (interior, em Lucas) e Jesus toma a defesa da mulher.”<sup>96</sup> Ou em razão de sua própria sepultura ou em razão do perdão recebido por ela.

O relato de Lucas é mais longo, mas nos remete de alguma forma à Betânia. A unção realizada pela mulher em Jesus se dá, em todos os relatos, com um perfume muito caro, trazido num alabastro. Em João ela unge os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, mas em Lucas primeiro ela enxuga e depois os unge.<sup>97</sup> Isto é, ela molha abundantemente, os pés do mestre, por conta de suas lágrimas caírem intensamente sobre ele. “Foi vencida por pura emoção de afeto e, as suas muitas lágrimas indicaram que tinha uma alma pura e grata.”<sup>98</sup> E se utiliza de seus cabelos para secá-los. “Era usual as mulheres usarem cabelos longos.”<sup>99</sup> Porém,

---

<sup>94</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 117.

<sup>95</sup> BLAQUIÈRE, Georgette. **O privilégio de ser mulher**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 90.

<sup>96</sup> MALZONI, Cláudio V. Da cabeça aos pés. A unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição evangélica. **Perspectiva Teológica**, v.30, n. 80, p. 95-106, 1998. p. 102.

<sup>97</sup> MALZONI, 1998, p. 102.

<sup>98</sup> CHAMPLIN, 1982, p. 79.

<sup>99</sup> 1Cor 11,15.

soltá-los em público, para as judias, era considerado vergonhoso, mas ela o fez guiada por uma lei do amor mais elevada. “Aquilo que era o ornamento [...] e ela cuidava, nutria e arrumava para tornar-se desejável, isso ela usou à guisa de toalha”<sup>100</sup>. Em seguida, beija os pés do mestre e os unge com o perfume.

Outra diferença reside no fato da mulher em Lucas ser uma pecadora e de seu gesto ter ocorrido em vista do perdão de seus pecados e nas demais passagens em Betânia, a uma unção para o sepultamento. Em Lucas não há menção de paixão nem do sepultamento. Beijar os pés era sinal comum de profunda reverência, especialmente a rabinos líderes. Porém a unção nos pés de Jesus, prenunciava também a sua morte.<sup>101</sup>

Sobre esse tipo de unção, nos pés, era novo, haja vista que a unção tradicional era na frente.

O que se pode constatar é que Lucas deslocou a perícopes que menciona a unção antes da paixão, nos demais evangelhos, para a metade no seu evangelho, a fim de demonstrar a realeza de Jesus. Está relacionado ao fato de que havia o costume de se ungir os reis, para que se certificasse que seu poder vinha das mãos de Deus. Também aponta a ligação profunda da unção com o messianismo. Havia a promessa de um rei da linhagem de Davi, que reinaria para sempre.<sup>102</sup> Ele seria cheio do Espírito de Deus<sup>103</sup>, e viria de Belém.<sup>104</sup> A esperança em um libertador dos judeus, diante das dominações estrangeiras, foi crescendo. O messias era muito esperado.

O gesto da mulher, de entregar seu melhor perfume é revelador e, fazia jus ao messianismo de Jesus ao mesmo tempo que ela demonstrava crer ser ele o enviado de Deus.<sup>105</sup> É uma ação amorosa, transcendente e profunda, ainda que ela não o soubesse.

Os frascos de alabastro, que eram lacrados para não serem falsificados, deveriam ter rompida sua parte superior para que fosse exalado seu precioso perfume. Assim, “quando a mulher rompe o frasco para ungir a Jesus, expressa o dom total, sem reservas, assim como é o amor.”<sup>106</sup> Juntamente com o messianismo, Lucas apresenta o perdão dos

<sup>100</sup> CHAMPLIN, 1982, p. 79.

<sup>101</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 122.

<sup>102</sup> 2Sm 7,12-16.

<sup>103</sup> Is 11,1-3.

<sup>104</sup> Mq 5,1-5.

<sup>105</sup> CATENASSI, Fabrizio Z. **Um discipulado mais pleno**: a mulher de Betânia. (Mc 14,3-9). Grupo de Pesquisa Bíblica e Pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus de Londrina. IC/CNPq. 1988. p. 131.

<sup>106</sup> CATENASSI, 1988, p. 129.

pecados como uma prova da expressão amorosa e doação sem reservas da mulher, perdoada. O ato de ‘quebrar o frasco’ também pode aludir a uma nova maneira de caminhar, indicando seu desejo de seguir a Cristo.

No seguimento da explicação da perícope, do presente trabalho, sobre o silêncio de Jesus em relação às atitudes da mulher *que o toca*, ocorre uma reação de censura entre os convivas e escândalo por conta da lei do puro e do impuro. E isso inclui o fariseu anfitrião que duvida da autoridade profética de Jesus, em dois momentos cruciais: ao permitir as ações da mulher e no final ao lhe perdoar os pecados.

Diante do acontecido Jesus se utiliza de uma parábola<sup>107</sup> que faz uso do método socrático para explicar a Simão sobre a relação do perdão com o tamanho da dívida perdoada pelo credor. Assim, Jesus consegue colocar a situação de Simão em paralelo com a situação da mulher. E faz isso muito sutilmente. Faz ver a Simão o que ele não consegue enxergar:

[...] há uma implicação de que o anfitrião e os que são como ele são os que *devem pouco*, ao menos no seu modo de ver. Se houver alguma dívida, eles acham que é insignificante e que podem pagá-la a qualquer momento e que não precisam de compaixão<sup>108</sup>.

A resposta de Simão à pergunta feita por Jesus sobre o amor dos devedores ao credor pontua e explica a demonstração de amor de Simão e da mulher em relação às suas dívidas. Conforme a parábola contada, dentro da perícope, o fariseu conclui que quem mais ama é o que se sente mais perdoado. Assim, o fariseu, é alertado para o fato de que o mesmo tem uma pequena capacidade de agradecimento, no paralelo com a mulher. Ele está convencido de que pode ganhar por próprio esforço a salvação. A mulher pecadora, por sua vez, tem muito mais capacidade do que o outro de perceber a novidade que comporta a mensagem de Jesus e a nova e incomparável liberdade que experimentou ao acolhê-la<sup>109</sup>. O sentimento de ter sido perdoada é amplo.

Mas, de todo modo, o amor de Jesus é igual para os dois. “Jesus ama a mulher do mesmo modo que ama o fariseu. O amor é, por excelência, a atitude da inclusão.”<sup>110</sup> A graça do perdão é oferecida a

<sup>107</sup> Lc 7,41-43.

<sup>108</sup> HAUGHTON, 1990, p. 77.

<sup>109</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 120.

<sup>110</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 123.



ambos, porém o fariseu deveria assumir a falsidade da sua inocência e aprender o caminho real da santidade que se faz caridade, perdão, compaixão e resgate. É o caminho mais difícil<sup>111</sup>.

Na continuação da cena do banquete Jesus faz uma comparação entre as atitudes do fariseu e da mulher. Explica o tamanho e significado delas em relação ao amor dos dois para com ele. Desse modo Jesus *rebaixa* implicitamente o imponente fariseu e *eleva* a mulher inominada.

Jesus foi acolhido por um e por outro de formas bem diferentes e até opostas. E foram descritos mediante um trio – *água, beijo, unguento* – atitudes que se manifestaram nas ações/omissões para demonstrar seu agradecimento/falta de afeto. E para confirmar à mulher e selar a demonstração de seu amor para com ele, Jesus lhe diz: “Teus numerosos pecados lhe estão perdoados [...]”<sup>112</sup>

No contexto da reação dos convidados, a falta de fé vem à tona mais uma vez, ao deixarem expressa na pergunta feita a arraigada crença de que somente Deus pode perdoar os pecados. Com isso exprimiam e desacreditavam a autoridade de Jesus. Sendo esse um pecado ainda maior.

Nessa períclope transparece o porquê dos autodenominados *justos*, como o caso de Simão, não serem capazes de amar e perdoar ou de aderir à mensagem de Jesus. Seria pelo motivo de se acharem autossuficientes, e não conseguirem reconhecer seus pecados e assim, não estarem capacitados para valorizar a graça do perdão. Os pecadores confessos, ao contrário, têm consciência da gratuidade do perdão, pelo qual se sentiram libertados e podem aderir a mensagem de Jesus com facilidade.<sup>113</sup>

Outra questão, levantada anteriormente, é sobre se o amor a Jesus é causado pelo perdão recebido dele, ou ao contrário, se ela se sentiu perdoada e então muito amou. Sobre isso Haughton explicita: “O comportamento dela em relação a Jesus não era tanto um pedido de perdão como uma evidência, para ele de que a cura e a libertação já tinham acontecido.”<sup>114</sup> A resposta estaria na dinâmica do amor-perdão onde ambos são causa e consequência. O amor dado é afetado pelo perdão recebido e por sua vez, o perdão recebido estimula a amar. Amor que nasce do encontro feito com Jesus.

Para a mulher: o que mais importava era encontrar um modo de expressar a magnitude da libertação que recebeu. ‘Ela amou muito’,

<sup>111</sup> MAZZAROLO, 2013, p. 123.

<sup>112</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 121.

<sup>113</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 122.

<sup>114</sup> HAUGHTON, 1990, p. 75.

portanto tudo o que ela devia foi eliminado. A mulher foi salva porque creu na mensagem de amor e perdão de Jesus. Mandando-a ir em paz, Jesus afirmou sua total integridade, livrando-a dos rótulos dados pela sociedade da época.<sup>115</sup> Portanto, ele a resgatou plenamente e, sendo Deus perdoou todos os seus pecados.

No final, Jesus confirma o motivo dela ter sido salva: sua fé, início de seu perdão e amor. No encontro com Jesus, ela o reconheceu como seu Salvador e Senhor. E por sua vez, ele confirmou o perdão de seus pecados e lhe desejou a paz.

No Evangelho de Lucas Jesus é visto sempre se relacionando com os pecadores: os pobres, os excluídos, os estrangeiros, as mulheres. Seu intento é a misericórdia e a salvação de todos, especialmente dos mais fracos, onde muitas vezes que se encontra com os pecadores é em eventos à mesa, no repartir os alimentos com eles. E em um desses banquetes, na perícopes da pecadora, em questão, se revela o mistério do encontro com Jesus e onde pecado e perdão estão muito atrelados.

Nessa narrativa verifica-se que o que mais prevalece não é o tamanho do pecado, nem o que levou a sua autora a cometê-lo. Mas é o perdão encerrado em Jesus no encontro que o ser humano faz com ele.

Encontro que é amor e salvação.

O itinerário da história da pecadora perdoada é um caminho de conhecimento gradual da revelação de Deus. Nas atitudes de Jesus, com o fariseu e com a mulher vamos entrando em contato com o proceder do Mestre em relação à verdadeira via para o amor e o perdão. Caminho que aponta para o próprio Jesus.

Seu proceder desafia as normas sociais da época e dá à justiça um outro enfoque. Seu perdão não está submetido às regras do puro e impuro, às leis sacrificiais, mas está baseado num amor livre e que liberta verdadeiramente.

As atitudes da mulher são do tamanho da enorme libertação recebida. Simão ficou aquém de todo esse mistério de amor e não entende o rosto de Deus que se revela no perdão dado a todos que assumem os seus pecados. Seu olhar alcança somente o julgamento e a condenação.

Por se achar justo não consegue olhar para dentro de si mesmo e se conectar com aquele que é a misericórdia total.

### 2.1.2.1 O perdão no AT e o perdão na perícopes da pecadora perdoada

---

<sup>115</sup> HAUGTON, 1990, p. 75.

Os rituais expiatórios do AT, em especial o Yom kipur, tinham como principal objetivo um caráter social e também a separação de tudo o que era considerado impuro. Somente aqueles que eram considerados puros, pelas orações e pelos jejuns podiam entrar no santo dos santos, como visto no capítulo primeiro.

Esse rito se desenvolvia numa aura de medo e com a dor dos animais sacrificados. Eram envoltos nos aromas do incenso, que eram queimados no fogo do propiciatório. Este também era aspergido com o sangue dos animais com o objetivo da obtenção do perdão dos pecados.

O autor que escreveu a perícopes da pecadora, em seu evangelho, tinha em mente as palavras dos profetas dizendo que Deus abominava os sacrifícios e as oferendas, e que estas não lhes agradavam. Portanto, Lucas dá um novo significado ao rito dos judeus à luz da revelação em Jesus Cristo.

Esses ritos de expiação são reescritos e realizados por ofertas de gestos de amor e um novo sentido para o perdão. Os vários objetos utilizados naqueles rituais ganham um novo significado e função. O incenso é reposicionado pelo perfume do alabastro da mulher. O propiciatório é o próprio Jesus.

A unção, por sua vez, deixa de ser no propiciatório, mas nos pés de Jesus e, não com o sangue de uma vítima inocente, mas com as lágrimas, o perfume e os beijos da mulher, que ela faz em resposta ao perdão de Deus. No lugar do sangue de um animal, para a obtenção do perdão, a mulher dá de si mesma. Ela usa as suas próprias lágrimas e, nessas lágrimas ela derrama o seu pecado.

O incenso que nos rituais significavam os bens possuídos, na perícopes, a mulher faz uso do seu perfume na unção. Assim, significando que o sangue dos animais pode ser trocado pelas lágrimas no arrependimento e pedido de perdão.

O dia do Perdão para a mulher tem um significado diferente e mais abrangente e profundo, pois aconteceu nela a partir de dentro. Seus sentimentos são de uma manhã de Páscoa. O fariseu não conseguiu impedir esses sentimentos nela. Mesmo visualmente “impura” ela consegue acessar o real ‘Santo dos Santos’. Com seus gestos de amor ela consegue acolher o perdão de Deus. E esses atos não são de reciprocidade, mas de acolhida de um dom.

Jesus cumpre, assim, a verdade mais profunda das leis da Torah: o amor a Deus e ao próximo e seu perdão incondicional. Afastando os interesses elitistas, o mestre vem chamar os pecadores e não os justos. E ele em si mesmo, afirma a verdade do amor que traz o perdão. E por conta

de crer no amor e perdão que Jesus oferece é que ela tem a coragem de demonstrar os seus gestos na cena da perícopa.

O dom oferecido por Jesus não é entendido pelo fariseu. Por conta disso ele não entende e não aceita os gestos da mulher. Ele também não compreende porque Jesus, o Messias, se deixa tocar pela mulher. Os olhos do fariseu não enxergavam a verdade do Messias, e assim não conseguiram entender o procedimento da mulher.

Como referido anteriormente, que o perdão é dom de Deus, Lucas não abre espaço para o negócio. E este perdão em todos os tempos tem relação com o amor. Se ele acontece antes ou depois do perdão.

Finalmente, é importante diferenciar o perdão que se obtinha no Yom Kippur e o perdão que Jesus oferece. No Yom Kipur eram perdoados somente os pecados que o povo cometia contra Deus. Para os pecados com o próximo era necessária uma reconciliação. O perdão que Jesus traz é total e gratuito.

O perdão da Nova aliança salva a pessoa em toda a sua integridade, e a leva a uma transformação total na sua vida. Assim, o perdão de Jesus tem uma dimensão de resgate. Resgate que acontece por conta do amor, e foi experimentado pela mulher.

### 2.1.3 O contexto político e sociocultural

Jesus viveu no tempo marcado pela dominação política, econômica e social do Império Romano. Também nasceu e cresceu dentro do judaísmo, inserido no patriarcado judeu. E sobre isso Ivoni R. Reimer comenta:

Diante do sistema de dominação patriarcal romana, o patriarcado judeu é o patriarcado de um povo oprimido, buscando sua sobrevivência cultural, social e religiosa dentro de um contexto que lhe é hostil. Esse patriarcado judeu não pode ser identificado com o patriarcado do poder dominante romano.<sup>116</sup>

Havia uma diferença considerável entre esses dois patriarcados. Em relação à família judaica, Reimer ressalta: “O Judaísmo elabora uma teologia, na qual as crianças devem honrar e respeitar pai e mãe (Ex 20;

---

<sup>116</sup> REIMER, Ivoni R. (Org.) **Economia no mundo bíblico**: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. p. 75.

Lv 19), e estão desobrigadas de obedecer ao pai se esse pedir algo que transgrida os mandamentos divinos.”<sup>117</sup> Ao passo que do lado romano a obediência deve ser restrita ao pai da família, como ao Estado.

Isso implica que os interesses dos chefes da casa e do estado romano estavam acima dos interesses do indivíduo. E os romanos eram um povo sobremaneira dominador. Sobre esse tema Klaus Wengst cita o historiador Flávio Josefo que relata:

Razoavelmente poder-se-iam [...] desprezar dominadores insignificantes, mas não aqueles a que o mundo inteiro está submetido. O que é que escapa até agora ao domínio dos romanos, excetuando algumas regiões que eram inutilizáveis por causa do seu calor ou do frio?<sup>118</sup>

Entretanto, a cultura grega e o helenismo também entram nessa equação, sendo, as mesmas, de forte influência com a conquista dos territórios desde Alexandre Magno. Porém, Arens atesta:

[...] não nos consta que Roma se tivesse proposto ‘romanizar’ seus territórios pela força, impondo seus esquemas e costumes, exceto no que referia às expressões de submissão, como o culto imperial e certos aspectos administrativos, especialmente tributários.<sup>119</sup>

Os romanos tinham interesses na cultura grega, pois os gregos eram dotados de grandes conhecimentos em diversas áreas. Mas “não há evidências de que houvesse semelhante interesse na direção contrária, dos habitantes do mundo *grego* pelo romano.”<sup>120</sup> E era uma questão de relatividade: os romanos viam os demais habitantes da Ásia Menor como *bárbaros*, e os gregos, por sua vez, se referiam aos romanos com o mesmo *adjetivo*, pois os sentiam como incultos, cruéis, privados de delicadeza e entregues a vícios.<sup>121</sup>

---

<sup>117</sup> REIMER, 2006, p. 78.

<sup>118</sup> WENGST, Klaus. **Pax Romana**: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo. Trad. Antônio M da Torre. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 28.

<sup>119</sup> ARENS, 1997, p. 124.

<sup>120</sup> ARENS, 1997, p. 124, grifo do autor.

<sup>121</sup> ARENS, 1997, p. 126.

O idioma principal dos colonizadores romanos era o latim e aprender esse idioma era claro indício de *romanização*. Mas a maioria da população grega não o assimilou. Conforme as inscrições, pelo contrário: [...] pelo século III d. C. [...] o latim estava desaparecendo da região, o que atestam as inscrições.<sup>122</sup> Esse fato é um indício da fraca influência cultural dos colonizadores romanos sobre os colonizados helênicos.

Assim, nesse cenário de várias culturas entrelaçadas e, de dominação do povo romano sobre as demais culturas, sobretudo sobre a judaica, Reimer relata:

[...] o cristianismo pode ser entendido como um movimento de renovação intrajudaico que *participa* das estruturas patriarcais do judaísmo e que luta, como os demais movimentos, pela vida e pela identidade dentro das condições do patriarcado romano. É nesse contexto que o Novo Testamento e outros escritos da época devem ser entendidos<sup>123</sup>.

A cultura judaica absorveu o modo de viver da época da dominação romana, recebendo também influências grego-helênicas e dos demais povos à época. O cristianismo veio dar a libertação ao povo que primeiro foi endereçado às promessas da Nova aliança.

Sobre esse contexto Rius-Camps discorre:

A mensagem libertadora de Jesus, que por razões históricas tinha de ser pregada primeiro a Israel, não tem fronteiras. Não são os laços de sangue que determinam a pertença ao reino, mas a adesão a Jesus.<sup>124</sup>

Porém, Jesus se referia mais intrinsecamente, em relação à fé, na sua mensagem do Reino, a um outro círculo de pessoas, os pagãos, que aderiram com mais entusiasmo aos seus ensinamentos. “Ainda que se refira ao Israel histórico [...], a fé propriamente ele só a encontrou no paganismo, tão menosprezado por eles.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> ARENS, 1997, p. 125.

<sup>123</sup> REIMER, 2006, p. 75.

<sup>124</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 105.

<sup>125</sup> RIUS-CAMPS, 1995, p. 106.

Assim, o que Jesus proclamaria com ênfase especial ao povo de Israel, suscitou nos pagãos que conviviam com os judeus a esperança de que Ele pudesse reparar sua situação desesperadora.<sup>126</sup> Pagãos esses que estavam numa triste situação sob o peso do poder constituído e hierarquicamente organizado.

Os mais desprovidos de respeito e de dignidade eram os mais atraídos pelo Mestre. Seu principal sermão é palco de outro exemplo de acolhimento de suas palavras.

O povo, em sua maioria geralmente empobrecido, beirando o limite da fome, atendia ao que Jesus e os seus diziam. A multidão, que também se aglomera em torno de Jesus e os seus durante o Sermão da Planície<sup>127</sup>, representa o povo sofredor como um todo, ao qual Jesus fala nesse sermão.<sup>128</sup>

Esses sofredores estão inseridos num contexto político com diversas ameaças e interesses por parte de seus governantes.

Também as poucas pessoas ricas no país estavam interessadas no trabalho conjunto com Roma e odiavam aqueles que não queriam desistir da esperança por libertação do povo por Deus e que estavam convencidas da vinda de um Messias.<sup>129</sup>

Portanto, verifica-se a grande submissão ao qual os mais pobres estavam submetidos nessa época e a busca por algo ou alguém que os libertasse de seus sofrimentos. Esse contexto vai interferir e afetar o comportamento de vários indivíduos, especialmente das mulheres.

#### **2.1.4 A situação das mulheres**

A primeira mulher, segundo a tradição hebraica, é da mesma natureza do homem, que com este aprimora e completa a criação. Conforme o relato: “O Senhor Deus lhe disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda.”<sup>130</sup>

---

<sup>126</sup> RIUS-CAMPS, 1995. p. 105.

<sup>127</sup> Lc 6,17-19.

<sup>128</sup> REIMER, 2006, p. 101.

<sup>129</sup> REIMER, 2006, p. 101.

<sup>130</sup> Gn 2,18.

Porém, essa situação se modificou, em outra versão da história. Pois mesmo sendo da mesma essência do homem, ficou sendo vista como um complemento deste, com enfoque negativo. Rosemary Haugton comenta:

E a história da queda da humanidade, e a punição por isso, impõe à mulher um castigo de subjugação e sofrimento como esposa e mãe. Eva, [...] apresenta-se como a explanação e justificação da subjugação das mulheres numa sociedade patriarcal.<sup>131</sup>

A estrutura familiar do primeiro século cristão era patriarcal. Todos na casa deviam ser submissos ao *pater familias*. Nesse contexto é que estavam inseridas as mulheres da antiguidade em geral. Ocupavam posição socialmente subordinada, politicamente nula e economicamente relativa<sup>132</sup>.

Como a sociedade era patriarcal e machista eram os homens que ditavam a conduta das mulheres. Era esperado que elas se ocupassem dos afazeres domésticos, a serviço dos varões da família ou da casa, ou fechadas em seu tear.<sup>133</sup> Sua maior virtude era a total submissão e modéstia.<sup>134</sup> A esse aspecto está ligado também um certo egoísmo por parte dos homens e o critério de rentabilidade ou produtividade que as viam como potencialmente necessárias ao desenvolvimento econômico.

Essa lógica de lucratividade social ligada às mulheres estava presente em diversos aspectos do cotidiano à época, como na produção do pão e das tintas, na prostituição, no trabalho escravo e como diarista.

Essa era a situação no interior das famílias que, por conta de endividamentos vendiam as mulheres e crianças como escravas para pagar as dívidas.<sup>135</sup> Portanto, família [e, dentro dela a mulher], e mercado estão vital e ideologicamente interligados.<sup>136</sup> Assim, elas eram vistas com pouca

---

<sup>131</sup> HAUGHTON, Rosemay. **A Libertação da Mulher**: O anúncio de vida para o mundo que vem do feminino. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 13.

<sup>132</sup> ARENS, 1997, p. 76.

<sup>133</sup> Tt 2,3-5.

<sup>134</sup> ARENS, 1997, p. 77.

<sup>135</sup> Mt 18,25.

<sup>136</sup> REIMER, 2006, p. 161.



dignidade, ou seja, como objeto, sua importância atrelada ao que podiam oferecer pelo seu trabalho.

Outro quesito, dentro da ótica feminina, é a questão sexual. O pecado da mulher, particularmente naquela época, tinha uma conotação diferente em relação ao dos homens. Sobre isso Houghton salienta: “Um homem pecador pode ser um ladrão, um extorsionista, um traficante de drogas, um traidor, mas uma mulher pecadora é uma adúltera ou uma prostituta; o pecado dela é sexual.”<sup>137</sup> Esse aspecto está intrinsicamente ligado a perícopes [Lc 7,36-50] estudada nesse trabalho de pesquisa. Muito embora não haja relatos sobre a vida daquela mulher, nem seu nome seja mencionado.

Nesse contexto de pecado, as mulheres eram divididas entre *boas* e *más*. As boas seriam as que acumulavam e as más as que esbanjavam.

Isso, dentro de um mercado que ditava as normas de conduta.<sup>138</sup> O casamento, a que estavam atreladas as mulheres, dentro dessa ótica, vai participar desse critério de lucro/acúmulo. Mormente Paulo vai criticar esse comportamento em uma de suas cartas:

Porquanto, é esta a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos aparteis da luxúria, que cada qual saiba tratar a própria esposa, com santidade e respeito, sem se deixar levar pelas paixões, como os gentios, que não conhecem a Deus.<sup>139</sup>

Esta passagem é sobre a ganância do noivo, porém não faz menção à discriminação e subserviência da mulher, a que estava sujeita à época. Mormente, Paulo é fruto de seu tempo e contexto, com suas limitações.<sup>140</sup>

Arens explícita que algumas mulheres escaparam a esse comportamento de submissão:

No NT, menciona-se uma tal de Cloé, que parece ter sido empresária<sup>141</sup>, assim como uma tal de Lídia, dedicada ao comércio de púrpuras<sup>142</sup>, para

---

<sup>137</sup> HAUGHTON, 1990, p. 65

<sup>138</sup> REIMER, 2006, p. 161.

<sup>139</sup> 1Ts 4,3-5.

<sup>140</sup> REIMER, 2006, p. 162.

<sup>141</sup> 1Cor 1,11.

<sup>142</sup> At 16,14.

não falar de tantas outras que foram elogiadas por seu empenho e apoio missionários<sup>143</sup>.

Para fugir da lógica do mercado da casa patriarcal e casamenteiro da época, à prática do abuso sexual, do mau uso da sexualidade apenas para a procriação e submissão ao marido, restava às mulheres a opção do celibato feminino. Isso era encontrado na vivência da fé judaica e cristã.<sup>144</sup>

No movimento de Jesus e em comunidades paulinas, o casamento e a procriação não eram pressupostos para a plena realização de mulheres e homens. Desse modo, Jesus representou um modo de subversão dentro do sistema patriarcal ideológico e econômico do Império Romano.<sup>145</sup>

As mulheres, apesar de não participarem da aliança com Deus, pela lei judaica, eram acolhidas por Jesus<sup>146</sup>. Lucas as coloca em relevância na sociedade nascente. Evidencia a sua atuação e sua importância em sua época.

O Reino de Deus veio para todos, incluindo as mulheres. Para elas Jesus vai confirmar o seu amor e o seu perdão, como vimos na pessoa da pecadora perdoada.

## 2.1.5 A Comensalidade

A atitude de comer, inserida numa cultura, não acontece isoladamente, mas envolve muitos expoentes. Além daquela ligada à necessidade de subsistência, está a que vai além da necessidade de sobrevivência. Diz respeito à pessoa enquanto ser relacional e social. Neste ato *livre* o homem relaciona-se com o mundo, com os outros e com o próprio criador.<sup>147</sup>

A refeição em grupo, tem um caráter antropológico e teológico. Nesse contexto, Teixeira e Silva esclarecem que:

[...] a participação de diversas pessoas na mesma refeição era uma prática de comunhão aberta ao

<sup>143</sup> ARENS, 1997, p. 78 e 79.

<sup>144</sup> REIMER, 2006, p. 165.

<sup>145</sup> REIMER, 2006, p. 167.

<sup>146</sup> Lc 8,48.

<sup>147</sup> TEIXEIRA, César; SILVA, Antônio W. C. A Cultura da Mesa de Refeição e o seu aspecto Teológico Religioso. **Revista eletrônica Espaço Teológico**. v. 7, n. 11, p. 2-11, jan/jun, 2013. p. 3.

perdão, hospitalidade e amizade. [...] manifestação clara de novas relações pacíficas, baseadas no aprofundamento do diálogo, [...] ajudando a reativar os ânimos, retomar o diálogo e fazer cair as barreiras que dividiam as pessoas, tornando-se momento privilegiado de ação de graças.<sup>148</sup>

Entretanto, a comensalidade, dessa forma positivamente vista não passou de um ideal, em diversos momentos e situações da história. Pois a realidade é que a comensalidade servia para reforçar e impermeabilizar identidades e posturas, firmando linhas de divisão, fosse em relação aos pagãos, aos pobres ou aos tidos como impuros, os pecadores, em alguns casos, a mulher. Contra esses, funcionava como uma *barreira*, para preservar a piedade e a justiça<sup>149</sup>. Questão que será vista com detalhes quando a perícópe, tema central desse trabalho, for analisada.

O período em que Jesus viveu era de grande diversidade, com inúmeras crenças religiosas presentes no vasto território do Império Romano. O judaísmo também havia se dividido em correntes com doutrinas e tradições bastante distintas. Nesse contexto, estavam os fariseus, que acreditavam ser necessário observar ainda mais a Lei Mosaica. Desse modo a cozinha e a mesa se tornaram lugares para se viver a pureza ritual fora do templo.<sup>150</sup> Vigiavam escrupulosamente a pureza do alimento devidamente dizimado e esse era um dos motivos que tornava impossível repartir a mesa com os *pecadores*. Portanto, para esses, a mesa não era um lugar de unidade, mas de exclusão.<sup>151</sup>

Entretanto, apesar dos fariseus manterem à mesa, uma certa separação dos impuros pecadores e pagãos, não significava que os ambientes em que ocorriam suas refeições fossem demasiado fechados. Mas comiam próximos a outros grupos. Sobre isso, Mendonça comenta:

Mantinham a tradição palestina de deixar as portas abertas em certos banquetes, para satisfazer a curiosidade de estranhos. Só assim se entende [...]

---

<sup>148</sup> TEIXEIRA; SILVA, 2013, p. 4.

<sup>149</sup> MENDONÇA, 2015, p. 181.

<sup>150</sup> SOUZA, Donizeti A. P.; PERONDI, I. “Desejei ardentemente comer essa Páscoa convosco”: o relato lucano da última ceia (Lc 22,1-20). **Estudos Bíblicos**, v. 36, n. 142, p. 258-270, jul/dez. 2019.

<sup>151</sup> TEIXEIRA; SILVA, 2013, p. 6.

que uma mulher pecadora pudesse vir ao encontro  
[de Jesus] durante um desses banquetes.<sup>152</sup>

Assim, contrariamente à exclusão praticada pelos fariseus, a prática de Jesus rompe com esse modo de agir: “Ele senta-se com os pobres e pecadores, gesto que simboliza a comunhão de vida que pretende estabelecer com eles<sup>153</sup>, a quem ‘veio procurar e salvar o que estava perdido’<sup>154</sup>. Portanto, atitude de Jesus ao incluir todos à mesa era um sinal de abertura em relação aos que estão às margens do judaísmo<sup>155</sup>. Sua atitude de inclusão é extensiva ao companheirismo à mesa, de compartilhamento da vida. E é isso, justamente, que vai fazê-lo ser visto como subversivo: “Ele come e bebe com os publicanos e pecadores”.<sup>156</sup>

Justamente, a comensalidade de Jesus com os pecadores está atrelada ao sentido de sua Missão:

[...] anunciar e concretizar o perdão de Deus. É certo que a experiência da misericórdia e do perdão de Deus não são propriamente uma novidade em relação à tradição bíblica anterior, mas essa insistência, prefigurada na comensalidade, de um dom da misericórdia divina [...], é tão inédita que soa escandalosa.<sup>157</sup>

Quando Jesus se apresenta como *aquele que perdoa* os pecados, ele reivindica a superação do templo, com seus sacrifícios e oferendas.

Os ritos do Templo vão perdendo sua eficácia.<sup>158</sup> Comendo com os pecadores, Jesus praticava o Reino que proclamava. Ele mesmo era a misericórdia e o perdão.

E o perdão é a marca maior e mais expressiva do amor do Pai que Jesus quis mostrar em todo o seu caminho na terra. Oferta de amor dado a todo aquele que faz o encontro com ele, nele crê e adere à sua palavra.

Nessa via de amor, Jesus vem chamar os pecadores e nunca se cansa de perdoar. Seu perdão é o trampolim para uma mudança concreta

<sup>152</sup> MENDONÇA, 2015, p. 182.

<sup>153</sup> BARROSO, Anderson S. **O alimento como *Locus Theologicus***: um itinerário da revelação encarnada na comensalidade. 2021, 261 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte.

<sup>154</sup> Lc 19,10.

<sup>155</sup> SOUZA; PERONDI, 2019.

<sup>156</sup> Lc 7,34.

<sup>157</sup> MENDONÇA, 2015, p. 183.

<sup>158</sup> MENDONÇA, 2015, p. 184.

de vida. E também um exemplo a ser seguido por todos o que se sentiram perdoados. É o caso da pecadora perdoada, que de condenada pela sociedade passa à perdoada no amor. Acontecimento que a transforma por completo, a eleva a uma vida na paz e a faz sua seguidora.

Do perdão obtido mediante diversos sacrifícios e rituais de animais imolados no AT, passamos ao perdão obtido mediante um único sacrifício no NT: a doação de Jesus na cruz. Perdão que não pede nada em troca, é gratuito, pleno e caminho para a vida eterna.

### **3. O PERDÃO NA VIVÊNCIA CRISTÃ ATUAL**

O perdão é um tema complexo, com muitas nuances, e no primeiro capítulo procuramos dar um enfoque a partir do AT, onde o mesmo ocorria sob a forma de sacrifícios expiatórios ritualizados. Com o tempo, mediante certos acontecimentos, passou a ser realizado na sinagoga com o auxílio da Palavra e mediado pelas orações.

No NT com o advento de Cristo o perdão passou a ter um novo referencial e importância. Passou a ser ligado à morte e ressurreição de Jesus. Portanto, no segundo capítulo foi dado o enfoque a partir do Evangelho de Lucas com a luz sobre a perícopes da pecadora perdoada. Como complemento foi referenciado o contexto, a situação das mulheres e a cultura da mesa relacionadas à passagem.

No terceiro capítulo, partimos para o perdão ligado à práxis situado da vivência atual. O tema foi colocado em diversas perspectivas como o encontro com Deus, perdão como milagre e mistério e, a saúde com um paralelo na perícopes da Pecadora. A última parte será referenciada a misericórdia na visão do Papa Francisco e Maria como auxílio no caminho do encontro com Jesus e seu perdão.

#### **3.1 PERDÃO EM PERSPECTIVA TEOLÓGICA: GRAÇA E DOM**

O perdão está no centro de toda a teologia e, está diretamente relacionado ao evento mais marcante do cristianismo: a cruz e a ressurreição. Jesus morreu por nossos pecados. Assim, o Mestre certificou, conforme relatado em Lucas: “[...] o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse

proclamado o arrependimento para a *remissão dos pecados* a todas as nações, a começar por Jerusalém.”<sup>159</sup>

Nesses dois mil anos de cristianismo, e, até agora, no início do terceiro milênio, há que se perguntar: o que representou, de fato, esse evento magnânimo aos *cristãos*? Seria essa somente uma forma de se institucionalizar uma religião?<sup>160</sup> Seguindo o pensamento de Bárbara Andrade: “Que aconteceu com o perdão dos pecados supostamente experimentado na cruz e na ressurreição?”<sup>161</sup>

Veremos a seguir, o que significa *perdão*, os diversos conceitos aos quais o mesmo está atrelado, e sua relação subsequente a parábola da pecadora perdoada, dentro dos aspectos teológicos.

### 3.1.1 Significado teológico do perdão

O perdão pode ser contextualizado em diversas ciências como a psicologia, a antropologia, a sociologia. Entretanto, na teologia é onde podemos verificá-lo como uma virtude religiosa. Desse modo, na religião cristã podemos observar os parâmetros para a sua prática.<sup>162</sup> Portanto, o cerne teológico da fé cristã está relacionado ao perdão.

Há diversos conceitos relacionados ao perdão. O mesmo pode ser vislumbrado mediante o equacionamento de Wondracek:

Na teologia cristã, o perdão é a forma de como a graça se torna eficaz. [...] a fé, que no amor é eficaz, descreve o procedimento de perdoar. [...] possui dois aspectos que devem ser distinguidos, mas nunca separados. [...] Um refere-se à relação com Deus [*coram deo*] e o outro com o mundo [*coram mundo*].<sup>163</sup>

A graça está diretamente ligada ao perdão. Por meio do perdão a graça pode atuar. Isto é, a graça pode ser obtida pelo gesto de perdoar. O perdão “descreve o engenho que articula o centro do pensar teológico no

<sup>159</sup> Lc 24,46-47.

<sup>160</sup> ANDRADE, Bárbara. **Pecado original ou graça do perdão**. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2007. p. 70.

<sup>161</sup> ANDRADE, 2007, p. 70.

<sup>162</sup> WONDRADEK et al. 2016, p.103.

<sup>163</sup> WONDRADEK et al. 2016, p.103.

cristianismo.”<sup>164</sup> São Paulo diz que vivemos por graça. Isto é, pelo perdão podemos receber a graça.

Esse caminho para o perdão pressupõe algumas variáveis, como pecado, fé e conversão. Assim, Andrade menciona:

Do pecado em sentido próprio só podemos falar desde o interior da experiência de fé. [...] Na fé, por sua vez, o pecado não apenas é conhecido como tal, e sim como *pecado perdoado*. O perdão dá lugar à ‘conversão’, que toma a forma de um “tomarmos-nos novos.”<sup>165</sup>

Essa experiência de agir, é uma via à esperança, que corresponde à comunhão com Deus, que acontece na comunhão entre as pessoas. Isso leva a entender Deus como aquele que perdoa, que por sua vez vai levar a apresentar a pessoa como aquela que pode pedir perdão, pois já se sentiu perdoada por Cristo na cruz.<sup>166</sup> Essa experiência pode conduzir o crente à conversão.

Outra variável é que o perdão é um evento totalmente gratuito. É um dom que nos acontece, que nos toca. Sendo dom é uma dádiva. Sendo dádiva tem como essência sua total gratuidade. O perdão está nas raias do ócio. Qualquer tentativa de negociar o perdão o destrói. Assim: “Negócio não tem perdão, por definição.”<sup>167</sup> Isto é, essa inércia e passividade do perdão é uma de suas vertentes.

Outra maneira de se olhar para essa peculiar característica ligada a esse dom, do perdão é compará-lo ao ‘receber um presente’. Nem todos se sentem confortáveis ao recebê-los, principalmente se não os esperam ou não se sentem dignos. Entretanto, as crianças são sempre receptivas aos mesmos. E elas, por sua vez, são comparáveis ao Reino de Deus, ao qual o evangelista Mateus fez alusão: “Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é reino dos céus.”<sup>168</sup>

Portanto, o segredo está em deixar-se agraciado, deixar-se ser tocado(a) pelo dom. E isso exige de cada pessoa uma conversão. É um aceitar simplesmente. O ‘perdoar’ é um verbo intransitivo. É dádiva pura.<sup>169</sup>

<sup>164</sup> WONDRAČEK et al. 2016, p. 103.

<sup>165</sup> ANDRADE, 2007, p. 169.

<sup>166</sup> ANDRADE, 2007, p. 170.

<sup>167</sup> WONDRAČEK et al. 2016, p. 104.

<sup>168</sup> Mt 19,14.

<sup>169</sup> WONDRAČEK et al. 2016, p. 104.

Nossa história, de salvação, tem nas origens a morte, de ocultamento do que nos é dado pelo dom. Mas nossa fé nos leva a confiar que na ressurreição a dádiva está presente pelo dom. A morte que nos veio pelo pecado também pode nos levar a que a vida plena nos seja presenteada, pois também ela é condição para que recebamos o dom maior, a vida eterna.<sup>170</sup>

Esse contexto de dom, gratuidade, comunhão-conversão-perdão pode ser verificado na perícope do presente trabalho. Conforme José T. Mendonça:

Lc 7,36-50 relata, portanto, um encontro, [...] na nova perspectiva de Jesus: [...] a da manifestação salvadora de um Deus que acolhe e reabilita quem se reconhece pecador e, por outro lado, o desafio a que se experimente a conversão [...] como uma dimensão histórica de todo o caminho crente.<sup>171</sup>

A mulher, em suas atitudes, acolheu a graça, pois acreditou na salvação oferecida por Jesus. Ela confiou no mestre e, pode experimentar assim, o perdão e o amor divinos.

Em relação à experiência de fé, o dogma nos aponta que, somente o Deus Uno e Trino concedeu o perdão a todos, embora de modos diferentes. E foi dado a nós, por Jesus na cruz, através do Pai, e só pode ser compreendido no Espírito Santo.<sup>172</sup>

Podemos dizer também, que ocorre algo relevante no encontro com Deus, quando nos tornamos pecadores perdoados. E, como mencionamos anteriormente, a respeito da terceira pessoa de Deus, nos apropriamos do Espírito, ao sermos perdoados. Assim, devemos agir em um novo modo de ser, ao nos encontrarmos com nossos irmãos.<sup>173</sup>

Esse encontro tem um caráter objetivo, e é realmente um sinal da dádiva de Deus, pois só conseguimos oferecer ao irmão o que recebemos no encontro com Deus. E, se nesse encontro, há o perdão, remete também à necessidade de perdão aos outros.

Entretanto, precisamos entender os pressupostos aos quais estão ligadas essas experiências. O que é necessário para *conhecer* a Deus, se sentir perdoado e se converter.

---

<sup>170</sup> WONDRACEK et al. 2016, p. 105.

<sup>171</sup> MENDONÇA, José T. **A Construção de Jesus**: a dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 89.

<sup>172</sup> ANDRADE, 2007, p. 171.

<sup>173</sup> ANDRADE, 2007, p. 74.



### 3.1.2 Encontro com Deus e perdão como *entrega*

Como o ser humano pode chegar a fazer um encontro com Deus? Certamente não é algo tão simples, pois, conforme Andrade: “De Deus podemos falar apenas indiretamente, ou por analogia; só podemos apontar para ele.”<sup>174</sup> Todavia, podemos fazer um paralelo com a humanidade de Jesus no caminho para encontrar a Deus.

Assim, é cabível experimentar a comunhão com Deus na relação com os irmãos. Jesus, o filho de Deus, foi (é) humano e, portanto, também seus atos são humanos. O que nos leva a concluir que: “[...] no encontro com os outros realmente nos encontramos com Deus; e por isso o perdão da parte dos outros, experimentado por nós, é perdão do próprio Deus.”<sup>175</sup>

Assim, é no encontro com os outros que podemos, portanto, vislumbrar um encontro com Deus e com seu perdão. O que é mais marcante em uma pessoa para chegar a um conhecimento verdadeiro de si própria, é o seu proceder, seu comportamento, e não sua aparência. O que as pessoas fazem a nós é o verdadeiro meio pelo qual as conhecemos de fato.

Tal atitude é exemplificada na passagem da pecadora perdoada: o que a mulher fez a Jesus, seus atos, sua coragem de ir ao seu encontro, suas lágrimas, o caro perfume oferecido e sua unção nos pés, seus beijos de gratidão. Foram atitudes concretas que mostraram o seu amor pelo mestre e pelos quais ela se deu a conhecer a ele. Mendonça salienta a sua discrição imperativa:

A mulher entra e sai em silêncio, mas o leitor sente que a sua passagem se revestiu de uma eloquência ímpar. Em vez de palavras ela utilizou uma linguagem plástica, talvez mais contundente que a verbal.<sup>176</sup>

Entre seus gestos de carinho estão as muitas lágrimas derramadas. Sabemos que ao chorar, nossos sentimentos são explicitados, a nossa sensibilidade demonstrada. Por outro lado, como mostra a tradição bíblica o pranto desvela no homem a dependência divina. A mulher da períclope

---

<sup>174</sup> ANDRADE, 2007, p. 70.

<sup>175</sup> ANDRADE, 2007, p. 71.

<sup>176</sup> MENDONÇA, 2018, p. 29.

seguiu esse caminho para o encontro com a humanidade de Jesus. Doou-se de corpo e alma para receber/confirmar seu perdão.

Nesse testemunho, o cristão é chamado a fazer também o encontro com o mestre nas muitas situações do dia-a-dia. É convidado, no silêncio de seu coração, a se colocar com tudo o que tem e é: seus pecados, seus tesouros, sua coragem, seus medos. É convidado a olhar para o irmão, a se encontrar de fato com ele, dando e recebendo seu perdão.

E a validade do perdão do homem com seu irmão, deve ser um reflexo da conduta do próprio Deus na vida de Jesus, em sua cruz e ressurreição. Por sua vez,

Cada uma das pessoas divinas faz em nós o que ela mesma é. O Espírito Santo é o Espírito do Crucificado, que fez visível e palpável a misericórdia e o perdão de seu Pai até o final; [...] cujo significado é que, a partir de então, sua misericórdia incondicional valeria para todos os tempos. É o Espírito do escândalo da cruz.<sup>177</sup>

Dessa forma, o Filho torna visível e palpável o perdão incondicional do Pai que, se comporta conosco como sendo alguém que exerce o perdão, e simultaneamente nos perdoa. E nessa atitude que nos assemelha a ele é que somos entregues ao Pai.<sup>178</sup> Esse perdão recebido de Cristo é que vai nos ajudar a libertar outras pessoas de suas cruzes.

E esse perdão que podemos oferecer é o que recebemos no encontro com Deus, e que nos auxilia a produzir mudanças reais em nossos relacionamentos. A pecadora, após o encontro com Jesus, foi libertada de seus pecados e transformada. O fariseu ficou fechado a esse encontro e não pode fazer a experiência. A períclope nos mostra, portanto, dois caminhos viáveis: abrir-nos ao amor de Deus para que o perdão possa nos transformar ou ficarmos enclausurados e fechados ao irmão.

### **3.1.3 A oração do Pai-nosso e o perdão dos pecados**

Como vimos no primeiro capítulo desse trabalho, no AT, uma forma comum de resposta às ofensas cometidas era a vingança. E essa sansão e castigo, nas culturas mais primitivas era responsável por levarem

---

<sup>177</sup> ANDRADE, 2007, p. 72.

<sup>178</sup> ANDRADE, 2007, p. 73.

clãs e tribos a se destruírem mutuamente.<sup>179</sup> O amor aos inimigos e o perdão às ofensas constituem novidades do ensino de Jesus.

No segundo capítulo, esta novidade pode se notar no amor com a qual a mulher da perícopes responde ao perdão recebido de Jesus. Ela muito foi perdoada, portanto demonstrou muito amor. Assim, ela demonstrou seu sentimento de gratidão e arrependimento.

Na oração do Pai nosso: “Perdoa os nossos pecados, como nós perdoamos a quem nos deve [...]”<sup>180</sup> está bem explicitada essa atitude e, juntamente com ela as diretrizes para se alcançar a felicidade através do relacionamento com Deus. Ele condiciona o seu perdão a nós ao incondicional perdão ao irmão e até aos nossos inimigos, independentemente da retificação dos mesmos.<sup>181</sup> “Quando nos negamos a perdoar, o nosso coração fecha-se, a sua dureza torna-o impermeável ao amor misericordioso de Deus<sup>182</sup>. Quando somos receptivos, como no caso da pecadora, nosso coração se abre à graça de Deus.

Outra condição implícita nessa oração são os sentimentos que devem nos preencher ao recitá-la. Vieira explicita: “Pedir perdão com humildade. Este pedido é um reconhecimento de culpa. É uma confissão de nossa fragilidade e insuficiência, um ato de confiança na misericórdia e suficiência divinas”.<sup>183</sup>

Esse sentimento também invadiu a mulher, e foi essencial para que ela fizesse o encontro com Jesus. A humildade e confiança dela foi a base para adentrar ao recinto em que estava Jesus rodeado pelo fariseu e os outros comensais. Sentimento-gesto também verificado na parábola do fariseu e do publicano.<sup>184</sup> O publicano que se humilhou diante de Deus saiu justificado, o outro não. Do mesmo modo, a mulher foi justificada o fariseu não.

Se o indivíduo não agir como crê que Deus agirá com ele, ou seja, se ele não perdoar, não poderá esperar que seja perdoado. O fariseu não perdoou, em seu íntimo a pecadora e, portanto, não pode se abrir à graça do perdão que Jesus implicitamente lhe oferecia. Estava condicionado às leis da época. Essa condição relativizada de perdão é integrante do

---

<sup>179</sup> VIEIRA, Pe. Antonio B. Vieira. **A oração do Pai, do pão e do perdão**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 85.

<sup>180</sup> Lc 11,1-4.

<sup>181</sup> UGARTE, 2002, p. 48.

<sup>182</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>183</sup> VIEIRA, 1983, p. 91.

<sup>184</sup> Lc 18,11-12.

próprio ato contratual, da natureza do pedido. Algo que remete ao direito romano: *‘do ut des’*.<sup>185</sup> Ou seja, ‘eu dou para que me dê’.

O único impedimento que pode haver para o perdão de Deus está em cada pessoa. Reciprocidade é a condição que permeia a oração do Pai-nosso. Se não conseguirmos perdoar nosso irmão, as oferendas, orações e sacrifícios de nada valerão diante de Deus.<sup>186</sup>

O fechamento do coração do fariseu, condenando a pecadora o impediu de sentir o perdão e o amor de Jesus. Deus quer um coração humilde, bondoso e contrito.

### 3.1.4 Perdão como milagre e mistério

Há diversos tipos de ofensas que parecem imperdoáveis. Devido a sua magnitude ou por serem cometidas contra indivíduos muito inocentes, ou por conta de suas sérias consequências.<sup>187</sup> Pelo fato de não poder ser compreendido de um ponto de vista essencialmente antropológico, justamente, é que se pode ver o perdão como mistério.

Esse mistério está relacionado com a morte de Jesus. A parábola da pecadora faz alusão a esse mistério. Quando ela unge os pés de Jesus, como foi falado anteriormente, ela o está unguindo para a sepultura. E o meio pela qual ela o pode realizar foi através do unguento. Este revela a identidade de Jesus. Identidade evidenciada pela mulher. Conforme Mendonça: “O perfume [...] é um dispositivo a serviço da revelação de Jesus.”<sup>188</sup> Esta revelação está ligada com o seu senhorio e sua divindade.

O perdão também diz respeito a participar da reversão do mal em bem. Significa concordar com o milagre que traz a vida, onde a dor e morte abundou. Segundo Wondracek: “Perdoar é abrir mão de uma autossuficiência final, é se confiar ao poder divino [...]”<sup>189</sup> A mulher, assim confiou completamente, se entregou com tudo o que tinha e pode receber o milagre da transformação de seu ser.

Primeiramente, Jesus se confiou a todo momento, inclusive quando sofreu a morte na cruz.

A esse respeito, Mendonça esclarece:

---

<sup>185</sup> VIEIRA, 1983, p. 92

<sup>186</sup> VIEIRA, 1983, p. 102.

<sup>187</sup> UGARTE, 2002, p. 51.

<sup>188</sup> MENDONÇA, 2018, p. 29.

<sup>189</sup> WONDRAČEK et al, 2016, p. 187.

Sabemos que da cruz se passa à experiência plena da Páscoa, travessia de Ressurreição. Mas não podemos esquecer que Jesus iniciou-nos a uma confiança no Pai, que é, sobretudo um caminho. A aprendizagem paciente de que o nosso coração pode conjugar esperançosamente aquilo que, tantas vezes, temos por inconciliável: o grito e a prece.<sup>190</sup>

### 3.2 A PRÁXIS DO PERDÃO NO CONTEXTO DOS NOSSOS DIAS

A perícopa da pecadora, também nos ajuda a olhar para o nosso dia-a-dia, com um coração agradecido e confiante na salvação que Jesus nos traz. Nos auxilia a apurar o contexto dos nossos relacionamentos.

E esse contexto tão marcado pelo ritmo frenético em seus empreendimentos, pode levar às discórdias, resultantes de desavenças. O perdão tem se tornado, cada vez mais um dos recursos para se retornar à paz nas relações pessoais. O perdão, com conotação prática, tem diversos parâmetros e está ligado a diversas variáveis, como veremos a seguir.

#### 3.2.1 Perdão em visão antropológica (secular)

Na área científica, o perdão é visto como uma construção ética, social e psicológica e um processo para propiciar a diminuição da vontade em fugir da solução da situação conflitante e o desejo de vingança. Também tem o objetivo de aumentar a motivação para a benevolência em relação ao ofensor<sup>191</sup>. Está ligado às emoções de cunho positivo como a empatia, a compaixão, o amor e a humildade. São contrárias as emoções negativas como a ansiedade, a vergonha, a humilhação e a mágoa.<sup>192</sup>

Nesse contexto, há várias definições. A literatura diz que o perdão é relacionado de duas maneiras em relação ao seu sujeito: é um processo

---

<sup>190</sup> MENDONÇA, José T. **Pai nosso que estais na terra**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 133.

<sup>191</sup> SANDANCE, J. S.; SHULTS, F. L. **Faces dos Perdão: buscando cura e salvação**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 23.

<sup>192</sup> WONDRAČEK et al. 2016, p. 200.

*intrapessoal* [ocorre internamente no indivíduo] – as pesquisas tentam entender como o ofendido perdoa e quais suas consequências. Neste contexto, o perdão é um processo *interpessoal* [como as pessoas se comportam umas com as outras após incidentes de ofensas]. Também pode haver diferenças entre o perdão ocorrido em injúrias mais leves e as graves.<sup>193</sup>

A palavra *perdão* remete a noção de doação. Portanto, nesse contexto, o processo de perdoar implica reconhecer o direito de se sentir magoado e com raiva por ter sido ofendido. Simultaneamente, também, embora magoado, abdicar o direito de sentir mágoa e raiva e, então, de não ser controlado por sentimento de vingança.<sup>194</sup> Isso implica em livrar o ofensor de sua dívida.

Na pequena parábola, dentro da perícopes da pecadora Jesus faz alusão aos dois devedores com dois tamanhos de dívidas. E pergunta: ‘qual o amará mais’. O credor abdicou do seu direito ao que tinha emprestado a cada um. Não faz menção ao sentimento desse credor, nem as suas posses. Mas, pode-se deduzir que ele o fez em função de sua misericórdia, sabendo da condição difícil de seus devedores.

Assim, somos convidados a agir como esse credor, e sucessivamente como o devedor mais perdoado, na figura da pecadora, indiretamente subentendido. Ela muito amou por ter sido muito perdoada. Paralelamente devemos tentar sublevar os nossos sentimentos e acreditar que assim agindo unimos o nosso amor ao amor de Deus.

### 3.2.2 Perdão: sentimento *versus* decisão

Outro enfoque, que merece um esclarecimento é sobre o que se entende, na prática, por perdão. Ele não é um sentimento. Ugarte explicita: “Se se compreende que o perdão se situa num nível diferente do ressentimento, isto é, no nível da vontade, descobrir-se-á o caminho que leva à solução.”<sup>195</sup>

Assim, o perdão é um ato volitivo e não um ato emocional, que exige uma decisão. Essa decisão consiste em anular a dívida *moral* contraída com outra pessoa, quando esta outra praticou uma ofensa, e libertá-la como devedora.<sup>196</sup> A decisão do ofendido não elimina a ofensa

---

<sup>193</sup> WONDRACEK et al, 2016, p. 200.

<sup>194</sup> WONDRACEK et al, 2016, p. 201.

<sup>195</sup> UGARTE, 2002, p. 36.

<sup>196</sup> UGARTE, 2002, p. 38.

cometida, pois ninguém tem esse poder. Isso pertence à esfera do transcendente.

Junto com a decisão de cancelar a dívida deve estar acompanhado também o desejo de se eliminar o efeito negativo das ofensas produzidas no ofendido, como o ódio, o ressentimento e o desejo de vingança.<sup>197</sup> Deve-se tentar contornar esses sentimentos enfraquecendo-os.

O pedido de perdão também não está ligado a uma humilhação ou submissão da parte de quem pede. Pode-se pedir sendo objetivo e com simplicidade.<sup>198</sup> Essa objetividade e simplicidade podem se dar sob a formade um presente. Foi o que fez a mulher da perícopo: ofereceu suas atitudese o perfume dentro dos gestos de agradecimento e pedido de perdão.

Os presentes são expressões concretas de amor que podem selar um novo tipo de relacionamento ou o retorno das relações antigas que foram prejudicadas pelo pecado. Além do mais, segundo Guimarães: “O perdão capacita a amar e crescer, tanto a quem o dá quanto a quem o aceita.”<sup>199</sup> É fonte de reconciliação de abertura aos demais.

### 3.2.3 Saúde e Perdão

A maioria das religiões, dentre elas o judaísmo e o cristianismo, admitem que o pecado é inerente a todos os seres humanos e, que traz consequências. Assim, essas crenças admitem o perdão, e que os seres humanos estão sujeitos a erros. Esses desvios podem acarretar consequências biológicas, psíquicas, sociais e cósmicas.<sup>200</sup>

O pecado que supõe consciência e deliberação está ligado a uma transgressão da lei de Deus. O ser humano que o comete entra em conflito com Deus, consigo mesmo, com seus semelhantes e com o cosmo. Essa atitude traz desordens variadas para a sua alma, seu mundo psíquico e seu corpo, no seu relacionamento com os demais e no seu modo de olhar a vida.<sup>201</sup>

---

<sup>197</sup> UGARTE, 2002, p. 38

<sup>198</sup> PRETTE, Almir D. **Habilidades sociais cristãs**: desafios para uma nova sociedade. Rio de Janeiro: Vozes. 2003. p. 146.

<sup>199</sup> GUIMARÃES, 2001, p. 42.

<sup>200</sup> BALDESSIN, Pe. Anísio. (org.). **Reflexões para o agente de pastoral de saúde**: a contribuição bíblica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 60.

<sup>201</sup> BALDESSIN, 2000, p. 60.

Para esses pecados e todos os demais, exceto os pecados contra o Espírito Santo,<sup>202</sup> Deus concede o perdão, com uma profundidade que ultrapassa todo o entendimento humano. Conforme São João: “Se o nosso coração nos acusa diante dele, tranquilizemos o nosso coração porque Deus é maior que o nosso coração”<sup>203</sup>. Muitos são os caminhos que levam ao perdão, mas todos decorrem das atitudes de fé, arrependimento e conversão.<sup>204</sup>

Entre os pecados mencionados na Bíblia, estão, entre outros: O pecado de Caim;<sup>205</sup> o pecado (original) de Adão e Eva;<sup>206</sup> o pecado de Judas, que culminou em suicídio<sup>207</sup>; o de Simão, o Mago, que o deixou ‘em amargura de fel e nos laços da iniquidade.’<sup>208</sup> Em todas essas situações podemos ter uma ideia de como os personagens que cometeram esses pecados, foram afetados por essas consequências. Seus atos os colocaram numa situação de desequilíbrio interno/psíquico em relação a sua saúde (como a concebemos na atualidade) e até com o aniquilamento da própria vida (Judas).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>209</sup>, saúde é compreendida como um estado de completo bem-estar físico, psíquico e social, e não apenas doença. E, o Eclesiástico menciona, em relação à saúde: “Não existe [...] maior satisfação que a alegria do coração.”<sup>210</sup>

Os efeitos benéficos do perdão à saúde são enormes, como atestam a vida de grandes santos: Paulo de Tarso, Agostinho de Hipona, e muitos

<sup>202</sup> A obra mais importante do Espírito Santo é levar os seres humanos ao arrependimento dos seus pecados e a aceitação de Cristo como Salvador e Senhor.

Mas essa obra acaba sendo neutralizada na vida daqueles que resistem persistentemente aos apelos do Espírito Santo. Assim, o pecado contra o Espírito Santo é jamais reconhecer os próprios erros. Sobre esse tema ver: O Catecismo Maior, de São Pio X, nos números 961 e 962.

<sup>203</sup> 1Jo 3,19-20.

<sup>204</sup> BALDESSIN, 2000, p. 60.

<sup>205</sup> Gn 4,1-16.

<sup>206</sup> Gn 3,2-15.

<sup>207</sup> Mt 27,3-10.

<sup>208</sup> At 8,18-24.

<sup>209</sup> A OMS é uma agência especializada em saúde, fundada no ano de 1948 e é subordinada à Organização das Nações Unidas. A sede da OMS é em Genebra, na Suíça. foi criada logo após o fim das guerras do século XIX, como a do México e da Crimeia, com o objetivo de desenvolver ao máximo possível o nível de saúde de todos os povos, ou seja, melhorar o estado de completo bem-estar físico, mental e social dos cidadãos.

<sup>210</sup> Eclo 30,16.



outros. O perdão dos pecados transforma a pessoa numa criatura inteiramente nova.<sup>211</sup> O ser humano passa do velho homem (ou mulher) em Adão para um novo homem (ou mulher) em Jesus Cristo. O perdão é curativo e regenerador.<sup>212</sup> E traz a paz para a alma.

Assim, a par dessas considerações sobre a saúde, a mulher da perícopes que estava em pecado, provavelmente estava sujeita a desordens de ordem física e psíquica. Sua situação moral tinha um forte impacto nas leis do puro e impuro. Para muitos, e na trama, ela não era bem aceita pelo anfitrião e talvez por muitos dos comensais.

No encontro com Jesus ela pode sentir todo o poder do perdão sobre ela. Junto com a salvação recebida, Jesus a livrou dos sentimentos estigmatizados, reatando a sua saúde plena e a enviou em paz.

Isto se deu e se dá porque o perdão decorrente da conversão cria condições para a cura de males que carregam profundo mal-estar individual e social, variados sofrimentos, doenças sem conta e mortes inumeráveis. Para a OMS a saúde, como definida acima “é fator determinante para a paz mundial”.<sup>213</sup> Portanto, pecado e doença se associam ao perdão, conversão e saúde, pois a doença é muito mais que um problema biorgânico e a saúde está além das situações biocorporais.<sup>214</sup>

O perdão recebido pela mulher, e toda a sua transformação nos estimula a seguir o caminho do encontro com Jesus. Esse Mestre que deseja a salvação do homem e nos pede o arrependimento e a gratidão.

### 3.3 A MISERICÓRDIA NA VISÃO DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco tem um especial apreço pelo tema da misericórdia. Ele salienta que Deus não esquecerá a aliança que fez com seu povo. Afirma que assim o Senhor se refere aos seus: “continuarás a ser o povo eleito, serão perdoados todos os teus pecados.”<sup>215</sup>

O pontífice salienta que, a misericórdia tem um elo concreto com a fidelidade divina. E isto está muito bem exemplificado na perícopes da

---

<sup>211</sup> 2Cor 5,17.

<sup>212</sup> BALDESSIN, 2000, p. 61.

<sup>213</sup> BALDESSIN, 2000, p. 61.

<sup>214</sup> BALDESSIN, 2000, p. 62.

<sup>215</sup> TORNIELLI, Andrea. **Papa Francisco** - O nome de Deus é misericórdia. Tradução: Catarina Mourão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016. p. 38.

pecadora perdoada, que está ligada com a preocupação de levar Jesus ao encontro dos pecadores, o Jesus misericordioso.

Instituiu o Jubileu Extraordinário no afã da Igreja redescobrir as entranhas maternas da misericórdia, para ir ao encontro dos muitos ‘feridos’, em especial os que se encontram à margem da sociedade atual, e tão carentes de escuta, compreensão, perdão e amor.<sup>216</sup>

### 3.3.1 A instituição do ano jubilar da misericórdia – *Misericordiae Vultus*

O dia 08 de dezembro de 2015 foi escolhido para abrir o Ano Santo a solenidade da Imaculada Conceição. Essa festa, ligada a Santíssima Virgem Maria, indica o modo de agir de Deus desde os primórdios. Após a gravidade do pecado dos primeiros pais, o Senhor não quis abandonar a humanidade ao mal.<sup>217</sup> Assim, designou Maria para *cuidar* de seus filhos e, a tornou Mãe do Redentor do homem. Segundo Francisco: “Perante a gravidade do pecado Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa.”<sup>218</sup>

O papa mostrou-se muito feliz em poder abrir a Porta Santa justamente na festa da Imaculada Conceição. Por essa porta da misericórdia, segundo ele, “todos que entrarem podem sentir o amor de Deus que é perdão, consolo e esperança.”<sup>219</sup>

O Pontífice, justamente escolheu para a homilia da celebração da abertura a passagem bíblica da pecadora perdoada, que faz menção à misericórdia de Deus. Segundo ele, a perícopa joga um olhar profundo sobre os excluídos e sobre como esses são oprimidos por aqueles que representam as autoridades. Sobre isso Mendonça salienta: “Em relação aos cegos, pobres estropiados, Jesus era descrito pela sua audiência como ‘aquele que vem’ para fazer a misericórdia anunciada pelos profetas.”<sup>220</sup>

O motivo do santo padre ter escolhido esta data se deveu ao fato de que em 2015 completou-se o cinquentenário do fechamento do Concílio Vaticano II. Concílio esse que concluiu uma nova etapa da

---

<sup>216</sup> FRANCISCO, 2016, p. 87.

<sup>217</sup> Ef 1,4.

<sup>218</sup> FRANCISCO, Papa. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – *Misericordiae Vultus*. Documentos do Magistério. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

<sup>219</sup> FRANCISCO, 2015.

<sup>220</sup> MENDONÇA, 2018, p. 144.

história da Igreja. Os padres sentiram a necessidade de falar de Deus de um modo mais claro.<sup>221</sup>

Este modo mais claro de falar de Deus tem um forte apelo na períclope da pecadora. Segundo Mendonça: “Lucas estrutura a história em torno do fato de Jesus perdoar pecados, assumindo prerrogativas de Deus.”<sup>222</sup> A importância da relação de Jesus com os pecadores assume um destaque em seu evangelho, sendo o cerne dessa relação a misericórdia.

O Ano Jubilar da Misericórdia foi encerrado na solenidade de Cristo Rei do Universo, em 20 de novembro de 2016. Francisco pediu que ao se fechar a Porta Santa, sentimentos de gratidão fossem dirigidos à Santíssima Trindade pelo tempo de graça experimentado. Confiou a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à realeza de Cristo. Desejou que os anos futuros ao jubileu fossem ungidos com o bálsamo da misericórdia da Igreja a todo o povo e especialmente aos crentes e separados.<sup>223</sup>

### 3.3.1.1 O tema da misericórdia e o Papa Francisco

Misericórdia significa abrir o coração à pessoa miserável. É a atitude divina que abraça, “é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar.”<sup>224</sup> Conforme Francisco, Deus pode ser compreendido a partir da sua misericórdia.

O sumo pontífice comentou que a nossa humanidade, sobretudo nos nossos dias, carece muito de misericórdia pois tem feridas profundas. Explica que há muitas causas para isso, mas alerta que o maior problema é não saberem como curá-las.<sup>225</sup> Se sentem perdidos, como ovelhas sem pastor.

Um outro grande problema, segundo o papa, é o relativismo, onde tudo parece igual e ser o mesmo. As pessoas perderam o sentido do pecado. Consideram o mal como incurável e imperdoável. Não acreditam que alguém os possa ajudar, inundá-los de amor infinito, perdoá-los.<sup>226</sup>

A humanidade está sedenta de Deus. É necessário que se leve às pessoas a confiança de sentirem o abraço da misericórdia, de se deixarem

---

<sup>221</sup> FRANCISCO, 2015.

<sup>222</sup> MENDONÇA, 2018, p.146.

<sup>223</sup> FRANCISCO, 2015.

<sup>224</sup> FRANCISCO, 2016, p. 37.

<sup>225</sup> FRANCISCO, 2016, p. 45.

<sup>226</sup> FRANCISCO, 2016, p. 46.

tocar, para que suas vidas possam mudar. Francisco alerta para que as pessoas entendam que Deus conhece os nossos pecados, a nossa miséria e tudo de nós e que pode nos reerguer. E que, para tanto, há o caminho da reconciliação com Ele.<sup>227</sup>

Nesse caminho de cura, o papa diz que a Igreja deve ser como um hospital de campanha, deve ser ‘Igreja em saída’. Não ficar esperando, na retaguarda, mas ir a campo, no combate às pequenas e graves doenças. A

Igreja não deve olhar tanto para a sua estrutura sólida, mas deve se articular nos primeiros-socorros.<sup>228</sup> E acima de tudo, uma Igreja em saída, deve ser misericordiosa para com todos e muito mais com os sofredores.

### 3.3.2A perícopa da Pecadora Lc 7,36-50 e a misericórdia

Esse texto, cerne do presente trabalho nos faz um convite ao exame da misericórdia à luz do olhar de Jesus trabalhada pelo papa Francisco. Nos vários personagens, cada um com seu proceder e seus pensamentos, justamente é Jesus, o seu modo de proceder, que nos chama a atenção principalmente. O convidado, o credor põe em foco a misericórdia perdoadando e cancelando a dívida, pois é misericordioso.<sup>229</sup>

O texto leva o leitor a se identificar com a mulher, ou com o fariseu conforme seu interior. Mas a dinâmica da continuidade da história mencionada é direcionada a um novo horizonte: aquele que Jesus propõe. Está sintetizado na misericórdia do Pai, e que foi bem compreendida pela mulher.<sup>230</sup> E assim ‘ela muito amou’.

Por ter compreendido a misericórdia de Deus, a mulher expressou a Jesus uma enorme gratidão. Tudo o mais tinha lugar secundário. Sua preocupação era postar-se aos pés de Mestre, e agradecer o perdão que recebeu. Ela testemunhou o amor-misericórdia. Desse amor careceu o fariseu.<sup>231</sup>

---

<sup>227</sup> FRANCISCO, 2016, p. 86.

<sup>228</sup> FRANCISCO, 2016, p. 87.

<sup>229</sup> FERREIRA, Mons. Antônio L. C. **Redescobrir a misericórdia**: reflexões interdisciplinares a partir da *Misericordiae Vultus*. 2ª. ed. Brasília: CNBB, 2016. p. 39; Coleção Misericórdia, v. VIII.

<sup>230</sup> FERREIRA, 2016, p. 39.

<sup>231</sup> FERREIRA, 2016, p. 40.

Esse amor-misericórdia encontrou um simbolismo marcante no perfume trazido pela mulher perdoada que, “ao mesclar-se com a pele de Jesus, tornou-se o perfume dela n’Ele e, pela oferta, d’Ele nela.”<sup>232</sup> Pode-se dizer que o amor-misericórdia é como o perfume, e esse como o perdão.<sup>233</sup>

A função do perfume é perfumar e é isso que faz: perfuma perfumando. Como o perdão que, se contenta em ofertar-se doando, também o perfume se realiza na entrega que faz de si. E nessa entrega sem retorno ao vaso, o dom se concretiza. Quando o perdão é oferecido com generosidade, o ser fragmentado é totalmente reconstituído. A mulher participou desse acontecimento.

Assim, a perícopa é uma luz no caminho de misericórdia que a Igreja oferece aos cristãos e a todos, especialmente aos mais fragilizados esofredores. Somos chamados a evangelizar, a levar a Palavra de Deus, proclamar o perdão e a misericórdia de Jesus. Nesse processo também convidados a fazer esse encontro com Jesus, de arrependimento, reconciliação, gratidão, amor e perdão.

Inspirados nos ensinamentos da perícopa devemos discernir sobre os caminhos que nos apresentam em nosso viver diário. Somente regenerados no encontro com o Mestre conseguiremos ser misericordiosos com os irmãos.

### 3.3.3 Maria, sinal da misericórdia de Deus Trindade

Maria é imaculada, conforme a tradição católica, que afirma que ela foi preservada de qualquer mancha de pecado e, isso por pura misericórdia de Deus. E essa misericórdia se estende por toda a sua vida. Maria não deixa de recebê-la do Altíssimo. Assim, Maria é a obra-prima dessa misericórdia. Se conseguirmos entender isso, saberemos como acessar as misericórdias do Pai e, vivê-las.<sup>234</sup>

O Pai, com a extrema gratuidade de seu amor a faz ‘cheia de graça’.<sup>235</sup> Por causa da sua maternidade messiânica o Pai derramou sobre

---

<sup>232</sup> FERREIRA, 2016, p. 40.

<sup>233</sup> FERREIRA, 2016, p. 40.

<sup>234</sup> COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **Deus Pai de misericórdia**. Trad.: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 65.

<sup>235</sup> Lc 1,28.

ela a largueza de sua misericórdia. A cumulou de graças por ela ter sido a escolhida para acolher o seu Filho. Essa plenitude da graça também é um sinal de sua santidade e da sua missão.<sup>236</sup>

Em resposta a tão grande agraciamento de Deus, Maria entoou o *Magnificat* glorificando a Deus pelas obras em seu favor e tantas maravilhas. Afirmou a grande misericórdia do Altíssimo aos que o temem em todos os tempos.<sup>237</sup>

O canto do Magnificat diz que: “Deus exaltou os humildes e derrubou os poderosos de seus tronos”<sup>238</sup>. Esse é um tema de reviravolta encontrado em várias parábolas e situações de Jesus. Na pericope da pecadora Jesus ao exaltar a mulher pecadora a retira de sua condição desprestigiada e a eleva. O fariseu ‘poderoso’, por sua livre opção, é derrubado em sua prepotência.

Assim, Maria está ao lado daqueles que se sentem oprimidos como a mulher da passagem. Estando ao lado do Misericordioso Maria é um auxílio no processo e caminho da misericórdia para o encontro com Jesus e para com o próximo.

A partir da misericórdia para com o outro, podemos resgatar a importância da práxis do perdão, com todos os seus nuances, todas as suas vertentes. A sociedade secularizada, cada vez mais segue para o individualismo.

É uma sociedade imediatista que, por conta do progresso, dos meios de comunicação e da tecnologia deixa cada vez mais de lado os valores humanos. O isolamento, os distanciamentos pessoais por conta de situações mal resolvidas vão dando margem a ressentimentos.

A secularização, comentada pelo Papa Francisco é outro fator que predispõe o ser humano, a relegar os valores cristãos. O perdão, que na sua essência é divino, muitas vezes não é a opção para resolver os conflitos surgidos. E com isso muitos relacionamentos são finalizados.

O estudo da parábola da pecadora serve de um norte de como se dá o perdão e a sua importância para o ser humano. Perdão que pode levar a pessoa, o cristão a uma vida melhor, mais plena, na paz, mantendo os relacionamentos ou reatando os perdidos. Perdão que é caminho e encontro com Deus e com os irmãos.

---

<sup>236</sup> COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1998, p. 63.

<sup>237</sup> Lc 1,49-50.54.

<sup>238</sup> Lc 1,52.







## CONCLUSÃO

O ser humano desde a antiguidade trilhou um longo percurso em sua aproximação com o divino. Paralelamente, as diversas civilizações sempre estiveram em contendas com aqueles participantes de sua comunidade. O homem está sempre em busca de conquistas para si e para aqueles que estão sobre seus cuidados. Nessa busca entra muitas vezes em conflito com os seus, criando desavenças e situações as quais são geradoras de desuniões e desavenças.

Nesse pensamento, esse trabalho tem como principal objetivo analisar a temática do perdão no Evangelho de Lucas, tendo a períclope da pecadora perdoada e que muito ama como um direcionamento nesse caminho.

O trabalho se desenvolveu a partir da análise dos sacrifícios expiatórios com um enfoque na remissão dos pecados verificados no AT, que tem um papel preponderante para entendermos a temática do perdão.

O perdão era compreendido na forma de remissão de pecados. Estava ligado às várias práticas de sacrifícios expiatórios. O livro do Levítico e do Deuteronômio traz o modo como aconteciam esses rituais, que eram a forma do ser humano se aproximar da divindade e obter a purificação dos maus atos cometidos.

Os sacrifícios que eram de diversos tipos, incluindo o de animais estavam centralizados no templo e, eram mediados pelos sacerdotes e sumo sacerdotes. O perdão ou remissão dos pecados acontecia pela intermediação desses ritos e na pessoa desses organizadores. As ofertas eram obrigatórias e ninguém nem mesmo os pobres eram liberados.

Havia uma grande preocupação com a pureza, pois pela mesma era aberto o caminho ao sagrado e acontecia a libertação do medo de ser aniquilado por Deus. Juntamente com esse motivo individual está associada a união do grupo. Com o pecado podia haver a desestruturação da comunidade a qual o indivíduo pertence.

A literatura abordada nos explica os variados significados desses sacrifícios, e como aconteciam os rituais que incluíam animais e produtos da terra. Nesses ritos havia um elemento com um significado diferenciado: o sangue. Neste estava, segundo a crença, o princípio vital do animal. O pecado do ofertante, no culto, era transferido para o animal e, na imolação do mesmo o pecado era apagado. Nesse processo acontecia uma ligação do indivíduo, já purificado, com a divindade.

Ligado aos rituais de sacrifícios estava o *Yom Kippur* ou o Dia do Perdão. Nele os judeus até os dias de hoje, com algumas modificações,

são convidados a um dia de jejum severo e a não trabalharem de um pôr do sol ao seguinte. Seu fundamento está no Levítico. Tem seus rituais centralizados no templo e mediados pelo sacerdote.

No processo de descobrir um meio de tornar as relações com um certo grau de justiça foi determinada a Lei de Talião que representou uma forma, em meio à época, de colocar ordem na sociedade daquele tempo.

Nenhum elemento de perdão foi encontrado nessa lei, que não se sustentou.

O ano sabático, nesse caminho de justiça ligado às dívidas, representou uma tentativa de levar dignidade aos endividados e que estavam numa baixa condição social e financeira. Lei que isentava o devedor de tempos em tempos do pagamento. Significou uma forma de perdão de pecados na área financeira e, já que a não quitação implicava em sérios problemas contra a liberdade dos devedores e suas famílias.

Com o exílio da Babilônia o perdão de pecados passou a se realizar de uma outra forma. Exilados, sem-terra, sem templo os rituais sacrificiais foram extintos e o relacionamento com o divino passou para a esfera da sinagoga. Houve uma aproximação maior de Deus a nível individual e mais diretamente pela oração e pelo estudo da Palavra.

Nessa fase de aproximação maior de Deus a literatura sapiencial representou um elemento de auxílio na relação com o divino. Os salmos, rezados e cantados individualmente ou em grupo eram um meio das pessoas se relacionarem mais de perto com a divindade e pedirem o perdão de seus pecados.

A partir desse contexto histórico e religioso passamos ao NT, onde o tema foi visto na perspectiva de Jesus Cristo, sob a ótica do evangelista Lucas e, fundamentado na perícópe da pecadora perdoada, a partir dos seus personagens principais: a mulher, o fariseu e Jesus e a sua ligação com o perdão dos pecados. O autor do terceiro evangelho é muito preocupado em salientar a profunda ligação de Deus e sua criatura na pessoa de Jesus Cristo.

Esse estudo nos levou a uma nova visão de Lc 7,36-50 e do significado dos atos de Jesus, de seu perdão, resgate e amor. Mesmo que a revelação de Deus continue sendo um mistério insondável, é possível entrar em contato com o Altíssimo a partir da práxis de Jesus no Evangelho de Lucas. Outrossim, o conhecimento dos ritos de expiação ganha um novo enfoque quando verificado em conjunto com a perícópe.

De um modo evidente Cristo realiza o que os profetas e as leis anunciaram. Ele revela um novo modo de entender e viver a lei.

Através de Jesus, no NT, a concessão do perdão não precisa de sacrifícios, mas é concedido em seu nome. Entretanto, a unção de Jesus

não acontece, somente, através do perfume derramado em seus pés, mas pelas lágrimas da mulher. Desse modo, os pecados da mulher passam pelo crivo da água das lágrimas, que remete à vida, mostrando-nos os caminhos para chegar a um encontro com o Deus encarnado, Jesus Cristo, que é Pai e misericordioso.

O relato lucano pode, assim ser contextualizado à luz dos dias atuais com a relação à prática do perdão e suas implicações relacionadas ao processo de pensar e decidir, que contou também com o auxílio da catequese de Francisco trabalhada no Ano da Misericórdia. Tudo isso, nos permitiu um novo entendimento dos conceitos de pecado, reconciliação, condenação, perdão e salvação.

Este estudo indicou um novo modo de agir relacionado ao perdão, conforme está exposto na introdução deste trabalho. Também alargou os horizontes da compreensão sobre o assunto e sua práxis. Sua leitura pode ser um suporte para aqueles que se acham em situações de conflitos, em seus relacionamentos pessoais e comunitários no mundo contemporâneo, para que possam decidir pela vivência do perdão e da reconciliação, à mesa da misericórdia divina.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Bárbara. **Pecado original ou graça do perdão**. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2007.
- ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- BALDESSIN, Pe. Anisio. (org.). **Reflexões para o agente de pastoral de saúde**: a contribuição bíblica. São Paulo: Loyola, 2000.
- BARROSO, Anderson S. **O alimento como *Locus Theologicus***: um itinerário da revelação encarnada na comensalidade. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte. 2021.
- BLAQUIÈRE, Georgette. **O privilégio de ser mulher**. Tradução: M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CARPI, Maria. O perdão imperdoável. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CATENASSI, Fabrizio Z. **Um discípulo mais pleno**: a mulher de Betânia. (Mc 14,3-9). Grupo de Pesquisa Bíblica e Pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus de Londrina. IC/CNPq. 1988.
- CHAMPLIN, **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural, 1982.
- CHAUVET, Luis-Marie et al. (direção). **O Sacramento do perdão**: entre ontem e amanhã. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Editora Paulinas, 1997.
- FARIA, J. de F. Sacrifícios e o Dia das Expições em Levítico. **Estudos Bíblicos**, vol. 33, n. 129, p. 58-70, jan/mar. 2016.
- FERREIRA, Mons. Antônio L. C. **Redescobrir a misericórdia**: reflexões interdisciplinares a partir da *Misericordiae Vultus*. 2ª. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016. p. 39; Coleção Misericórdia, v. VIII.
- FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Trad. Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2006.

FRANCISCO. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – *Misericordiae Vultus*. Documentos do Magistério. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

GASS, Ildo B. **Uma Introdução à Bíblia**: Exílio Babilônico e Dominação Persa – Primeiro Testamento. Volume 5. 3ª. Edição. São Paulo: Paulus. 2007.

HAUGHTON, Rosemay. **A Libertação da Mulher**: O anúncio de vida para o mundo que vem do feminino. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1990.

MALZONI, Cláudio V. Da cabeça aos pés. A unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição evangélica. **Perspectiva Teológica**, v.30, n. 80, p. 95-106, 1998.

MAZZAROLO, Izidoro. **Lucas: a antropologia da salvação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.

MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 5ª. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

MEISTER, Mauro F. **Olho por Olho**: A Lei de Talião no Contexto Bíblico. *Fides Reformata* XII, n. 1. 2007.

MENDONÇA, José T. **A Construção de Jesus**: a dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, José T. **Pai nosso que estais na terra**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**: a Bíblia e sua interpretação. São Paulo: Paulinas, Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MONLOUBOU, Louis; DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Tradução: Gentil Titton et al. São Paulo: Aparecida, 1997.

PRETTE, Almir D. **Habilidades sociais cristãs**: desafios para uma nova sociedade. Rio de Janeiro: Vozes. 2003.

REIMER, Ivoni R. (Org.) **Economia no mundo bíblico**: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo; CEBI/Sinodal, 2006.

RIUS-CAMPS. **O Evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

RUEDA NETO, Eduardo. O Juízo Divino em Ezequiel. **Revista de Teologia da PUCRS**. Telecomunicação, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-9, jan/dez. 2022.

SANDANCE, J. S.; SHULTS, F. L. **Faces dos Perdão**: buscando cura e salvação. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

SASSI, Jusley C. da S. **Salmos Penitenciais**: forma de expressão de reconhecimento pelo pecado. 40 f. Monografia (Curso de Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí/RS, 2016.

SOUZA, Donizeti A. P. e PERONDI, I. “Desejei ardentemente comer essa Páscoa convosco”: o relato lucano da última ceia (Lc 22, 1-20). **Estudos Bíblicos**, v. 36, n. 142, p. 258-270, jul/dez. 2019.

STADELMANN, Luis. **Os Salmos da Bíblia**. Edições Loyola: Paulinas, São Paulo, 2015.

TEIXEIRA, César e SILVA, Antônio W. C. A Cultura da Mesa de Refeição e o seu aspecto Teológico Religioso. **Revista eletrônica Espaço Teológico**. v. 7, n. 11, p. 2-11, jan/jun, 2013. p. 3.

TORNIELLI, Andrea. **Papa Francisco** - O nome de Deus é misericórdia. Tradução: Catarina Mourão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

TRIGO, Alessandra C. M. de C. **O Exílio da Babilônia: um novo olhar sobre antigas tradições**. 105f. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo. Ed. Teológica, 2003.

VIEIRA, Pe. Antonio B. Vieira. **A oração do Pai, do pão e do Perdão**. São Paulo: Paulinas, 1983.

WENGST, Klaus. **Pax Romana**: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo. Tradução: Antônio M da Torre. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

WONDRACEK, Karen Hellen Kepler et al (Orgs). **Perdão, onde saúde e espiritualidade se encontram**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.